

Marcimedes Martins da Silva

Suicídio - Trama da Comunicação

Dissertação

Suicídio - Trama da Comunicação

Marcimedes Martins da Silva

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Bader Burihan Sawaia.

Comissão Julgadora:

Dra. Mary Jane Paris Spink

Dra. Helda Bullota Barroco

Dra. Bader Burihan Sawaia

"Chega de palavras, pois estas também irão se perder com o tempo."

(Frase extraída de um bilhete escrito por um suicidado)

Resumo

Trata-se de um estudo na área de Psicologia Social partindo do pressuposto que o suicídio é um gesto de comunicação e de transformação, devendo ser estudado sob a ótica psicossocial, considerando as representações sociais do suicidado manifestadas através de bilhetes que escreveu e presentes também em fotos tiradas de sua pessoa após o suicídio.

A literatura pesquisada abrangeu alguns pontos teóricos referentes ao suicídio apontados por Durkheim e Freud, textos específicos a respeito de bilhetes suicidas e estudos de diferentes áreas do conhecimento a respeito de representação social e comunicação.

O método de pesquisa consistiu na coleta, aleatória, durante 12 meses, de 16 bilhetes suicidas e 6 fotos de suicidados, totalizando 22 sujeitos.

O suicídio é apresentado como sendo a mensagem principal do suicidado, os bilhetes são metamensagens e as fotos são ícones.

O suicídio é um gesto de comunicação social que muda o "status" do sujeito através de um ritual de passagem e metamorfose - o suicidando é agregado à sociedade após o gesto suicida no papel de suicidado.

O suicídio é um signo que seduz a pessoa, a qual mantém com ele um vínculo emocional, substituindo, em última instância, outros signos - morte e vida.

Enfim, o presente trabalho revela o caráter político do suicídio através do qual o suicidado recupera a imagem do homem ativo, dono da própria vida e capaz de influenciar a realidade.

Agradecimentos

À Professora Bader Burihan Sawaia, orientadora da
Dissertação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico
e Tecnológico - CNPq, que deu apoio financeiro.

A um colaborador desconhecido.

Sumário

Introdução	7
IX. Definição do problema	9
II. Teorias	17
A) Literatura	28
B) Representação social e comunicação	33
IX. Metodologia	43
A) Procedimento	43
B) Análise dos dados	47
a. As fotos e os bilhetes: considerações gerais	50
X. Os ícones e as metagensagens suicidas	69
XI. O suicídio :gesto de comunicação social	74
Sentimentos	81
IX. O ritual de passagem e metamorfose	89
IX. A trama política da comunicação	101
IX. As intenções do suicidado	103
X. Comportamento político	109

IX. Compromisso político e social 117

Referências bibliográficas
119

Anexo I 127

Anexo II 128

Anexo III 131

Anexo IV 133

Introdução

Marcimedes Martins da Silva

O suicídio é...

"... um ato de heroísmo." (Sêneca)

"... um ato próprio da natureza humana e, em cada época, precisa ser repensado." (Goethe)

"... a destruição arbitrária e premeditada que o homem faz da sua natureza animal." (Kant)

"... uma violação ao dever de ser útil ao próprio homem e aos outros." (Rosseau)

"... admitir a morte no tempo certo e com liberdade." (Nietzsche)

"... uma fuga ou um fracasso." (Sartre)

"... a positividade máxima da vontade humana." (Schopenhauer)

"... todo o caso de morte que resulta directa ou indirectamente de um acto positivo ou negativo praticado pela própria vítima, acto que a vítima sabia dever produzir este resultado." (Durkheim)

Definições teóricas se alternam, se complementam, se contradizem: as reticências, ou mesmo um ponto de interrogação, permanecem em desafio a uma resposta definitiva e exata. Este estudo também não procura uma única resposta, pois não acredita que ela exista, pelo contrário, enfoca o suicídio como uma questão de múltiplas respostas porque o caminho do suicídio é o da ambigüidade. Nele vida e morte se encontram, se complementam, se

contradizem, repetindo este movimento infinitamente como as definições do próprio termo em torno de ódio e amor, coragem e covardia, etc. Mesmo afirmativas que parecem inquestionáveis, como a de que o suicídio é resultado de angústia e sofrimento, não valem para todos os países e se tornam absurdas quando se estudam os casos de suicídio em países orientais.

Lendo as páginas seguintes não é possível encontrar toda a riqueza de discussões, debates e idéias que acompanharam a elaboração desta dissertação, mas uma coisa é certa: o trabalho acadêmico foi acompanhado de muito humanismo e respeito pelos suicidados. É comum os estudiosos do suicídio serem acusados de defendê-lo e incentivá-lo, bem como de falar academicamente a respeito do assunto, sem considerar de maneira mais humana o drama de quem vive com suicidados na família ou com o suicídio dentro de si mesmo. A tais acusações, cabe responder que a neutralidade científica não existe; chamar a sociedade, através da discussão acadêmica, a assumir parte da responsabilidade com os suicidados não significa defendê-los e nem incentivar o ato suicida, mas a discussão acadêmica é rica justamente porque o drama vida/morte é vivido por todos nós. Em resumo, esta dissertação é resultado de muito trabalho, mas também de muitas reflexões carregadas de sentimentos.

I - Definição do Problema

É difícil precisar quando o primeiro suicídio ocorreu, mas ele parece estar sempre presente na história da humanidade. A Enciclopédia Delta de História Geral¹ registra que, em um ritual no ano 2.500 a.C., na cidade de Ur, doze pessoas beberam uma bebida envenenada e se deitaram para esperar a morte. Recorrendo a livros religiosos como a Bíblia, por exemplo, é possível também encontrar os registros de alguns suicidados famosos - Sansão, Abimelec, Rei Saul, Eleazar e Judas.

O suicídio de pessoas famosas foi sendo registrado, porém a história oficial ignorou os inúmeros cidadãos comuns suicidados. No entanto, historicamente, é possível constatar a maneira como a sociedade tratou os suicidados e como este tratamento foi se alternando, cabendo observar, com especial atenção, o suicídio enquanto questão política tratada de diferentes maneiras pelo Estado.

Na Antiga Grécia, um indivíduo não podia se matar sem prévio consenso da comunidade porque o suicídio constituía um atentado contra a estrutura comunitária. O suicídio era condenado politicamente ou juridicamente. Eram recusadas as honras de sepultura regular ao suicidado clandestino e a mão do cadáver era amputada e enterrada a parte. Por sua vez, o Estado tinha poder para vetar ou autorizar

¹. Enciclopédia Delta de História Geral. Rio de Janeiro: Delta, 1969, vol. 1, p.26.

um suicídio bem como induzi-lo. Por exemplo, em 399 a.C., Sócrates foi obrigado a se envenenar.

Em outras culturas do primitivo mundo ocidental, era dever do ancião se matar para preservar o grupo cuja solidez estava ameaçada pela debilitação do espírito que habitava o corpo do chefe de família. Ocorria "(...) *uma franca indução comunitária ao suicídio, religiosamente estimulada e normativamente legitimada.*" (Kalina e Kovadloff, 1983, p. 50)

No Egito, se o dono dos escravos ou o faraó morriam, eram enterrados com seus bens e seus servos, os quais deixavam-se morrer junto ao cadáver do seu amo. Também no Egito, desde o tempo de Cleópatra, o suicídio gozava de tal favor que se fundou a Academia de Sinapotumenos que, em grego, significa "matar juntos".

Em Roma, como em Atenas, adotou-se em relação ao suicídio atitudes diferentes, legitimando a morte do senhor que se matava e condenando a morte do escravo suicidado. O senhor, um homem livre, ao se matar, exercia sobre si mesmo o direito próprio de sua condição social, amparado no espaço político pela lei pública. O escravo, porém, matando-se, ia contra a autoridade do senhorio, contestando seu poder e diminuindo seu capital, o que era contra a lei familiar predominante no espaço doméstico. O gesto suicida, glorificado no cenário político, era condenado quando se tratava de um escravo porque o valor do ato era inseparável da condição social do

indivíduo. Entretanto, ao matar-se, a denúncia do escravo ia além da sua condição social e além do espaço doméstico porque colocava em xeque os valores universais de liberdade e justiça, os quais aparentavam ser exclusivos do seu senhor quando este lutava na defesa de sua cidade e de seus privilégios. De fato, é em defesa de liberdade e justiça, que Catão, chefe de clã, comete suicídio para se opor ao poder soberano de César. Mata-se para servir às leis e às liberdades da República contra a morte delas - pelo menos as da aristocracia senatorial - imposta pelo Império Romano. O suicídio de Catão não se constitui em um ato que prejudica a estrutura comunitária, como afirmava Aristóteles, mas em um ato de quem permanece fiel à sua comunidade. No Império, o Estado torna-se propriedade privada de César, onde os cidadãos são agora súditos livres para agir, mas não tão livres para morrer porque podem ter os bens confiscados em favor do Estado, penalidade esta aplicável aos militares e aos condenados ou detentos a espera de julgamento que suicidassem, desde que seus herdeiros não conseguissem demonstrar sua inocência.

Se quatro séculos antes e quatro séculos depois de Cristo o suicídio é ora tolerado ora reprimido, sua reprovação vai se reforçando durante os primeiros séculos da era cristã até que seja totalmente condenado no século V por Santo Agostinho e pelo Concílio de Arles (452 d.C.), seguido depois pelos de Orleans, Braga, Toledo, Auxerre, Troyes, Nimes, e culminando com a condenação expressa de todas as

formas de suicídio no "Decret de Gratien", um compêndio de direito canônico do século XIII. Na Idade Média cristã, o suicídio é condenado teologicamente. A Europa cristã acaba com as diferenças entre o suicídio legal e ilegal: matar-se era atentar contra a propriedade do outro e o outro era Deus, o único que criou o homem e quem, portanto, deveria matá-lo. A vida do indivíduo deixa de ser um patrimônio da comunidade para ser um dom divino e matar-se equivale a um sacrilégio. O suicidado não tem direito aos rituais religiosos, seus herdeiros não recebem os bens materiais e seu cadáver é castigado publicamente, podendo ser exposto nu ou queimado. Os suicidados são iguallados aos ladrões e assassinos e o Estado e a Igreja fazem tudo para combater os suicídios.

A sociedade foi reprimindo o suicídio até a Revolução Francesa, a qual aboliu as medidas repressivas contra a prática do suicídio, o que para Kalina e Kovadloff² significou que a conduta suicida deixou de comprometer a estabilidade do Estado. O suicídio assumiu, assim, um caráter que oscila entre o quase clandestino, ou francamente clandestino, e o patológico. É um gesto solitário, dissimulado, uma transgressão. Eles escreveram:

"Entre a pessoa e a comunidade começou a se abrir, em meados do século XVIII, uma

² Eduardo Kalina é especialista em psiquiatria e psicanalista. Santiago Kovadloff é docente de filosofia.

Ambos são argentinos e militantes da causa ecológica.

distância que duzentos anos mais tarde terminará constituindo as múltiplas formas de incomunicação contemporânea. Por isso, mais que um ato de indulgência estatal frente ao indivíduo, deve-se ver nesta liberalização progressiva das normas punitivas com respeito ao suicídio uma expressão de irrelevância social que começa a pesar sobre a pessoa. Ou seja, não se contempla o suicídio com tolerância porque se o compreende, mas porque já não se lhe atribui maior transcendência coletiva." (Kalina e Kovadloff, 1983, p. 54)

O estudo de Durkheim(1987), analisando os suicídios ocorridos no século passado, tornou-se obra clássica da sociologia por chamar a atenção sobre a significação social do suicídio pessoal - o suicídio é uma denúncia individual de uma crise coletiva. Já o estudo de Kalina e Kovadloff merece destaque porque parte da premissa de que em cada sujeito que se mata fracassa uma proposta comunitária. Eles analisam a sociedade atual com clara intenção de entender o suicídio como existência tóxica. A existência tóxica é a vida vivida de forma que o ser humano esteja se matando no cotidiano, todos se matando em comum acordo através de uma maneira de viver perigosa para a saúde. Uma existência tóxica é uma vida envenenada porque vive daquilo que a aniquila, promove e perpetua a alienação humana e fomenta o apoio às contradições que a destroem. Para tanto, multiplicam-se as condutas autodestrutivas como o armamento

nuclear, a contaminação do planeta e, até mesmo, a despersonalização urbana do homem contemporâneo³. Enquanto na concepção clássica o suicídio é o ponto final de um processo, Kalina e Kovadloff afirmam que o suicídio é o processo em si mesmo.

O fato é que, apesar da Revolução Francesa ter abolido as medidas repressivas contra a prática do suicídio, aparentando que a conduta suicida não compromete a estabilidade do Estado, uma observação primeira da relação suicidado-sociedade indica que há um movimento social organizado de prevenção ao suicídio, o qual mobiliza os poderosos meios de comunicação modernos e instituições como, por exemplo, o CVV-Centro de Valorização da Vida. Ou seja, há um confronto latente na complexa estrutura social moderna entre dois movimentos: o dos suicidados e outro que se lhe opõe.

O presente estudo, partindo do pressuposto que o suicídio é um processo em si mesmo que não termina com a morte e, ainda, que o suicídio é um gesto de comunicação, visa ampliar a compreensão do relacionamento entre o suicidado e a sociedade. O indivíduo se mata para relacionar-se com os outros e não para ficar só ou desaparecer. A morte é

³ As condutas autodestrutivas são descritas detalhadamente na obra: KALINA, E; KOVADLOFF, S.

Suicídio e sociedade. In: As cerimônias da destruição. Tradução de Sônia Alberti. Rio de Janeiro :

Francisco Alves, 1983. 172 p. pp. 64-142.

o único meio que o sujeito encontrou para restabelecer o elo de comunicação com os outros.

Fernando Sabino(1986), na crônica intitulada "Suíte Ovaliana", conta que Jayme Ovalle, questionado a respeito do suicídio, disse: "*É um ato de publicidade: a publicidade do desespero.*"(p. 144) Desde dezembro de 1990, a publicidade do desespero dos índios guaranis de 16 a 22 anos, em Mato Grosso do Sul, ocupa as páginas dos jornais brasileiros, obrigando as autoridades governamentais a se interessarem por esta crescente onda de suicídios por enforcamento e por ingestão de veneno.

A questão a ser discutida é: não seria o suicídio um gesto de comunicação, a transmissão de uma mensagem individual para a sociedade? A resposta violenta do suicidado é sua busca em comunicar-se, transformando-se, porque a sociedade não lhe permitiu antes que o fizesse. Quando lhe foi impossibilitado comunicar-se, cortaram-lhe também sua influência sobre a sociedade, a qual se restabelece através de seu gesto suicida, mesmo que não seja uma pessoa famosa. O que se pretende é pesquisar o suicidado, cidadão comum.

Note-se que o termo "suicida" não clarifica qual é a condição do indivíduo. Por isto este estudo opta por fazer uma distinção entre os termos "suicidando" - aquele que ameaça e/ou tenta suicídio e que pode ser chamado de ameaçador ou tentador; e "suicidado" - aquele que efetivamente se matou. Conforme foi dito anteriormente, serão privilegiados

os aspectos relacionados com a comunicação do suicidado para com a sociedade. Na impossibilidade de se analisar mais detalhadamente todas as linguagens - espacial, corporal e verbal - empregadas pelo suicidado, será privilegiada a linguagem verbal manifestada por ele, espontaneamente, através de bilhetes. Quanto às outras, serão tomadas como dados complementares a partir da análise das fotografias tiradas do cadáver no local do ato suicida, permitindo neste caso que sejam complementadas com informações prestadas pelo perito criminal.

Espera-se que os dados levantados auxiliem a compreender que o suicídio deve ser visto mais como um ato de comunicação do que como um gesto solitário e que, além de tudo, é uma comunicação para uma sociedade que o impediu de comunicar-se de outras formas que não fosse através deste gesto.

Assim, partindo do pressuposto que o suicídio é um gesto de comunicação e de transformação, o objetivo do presente estudo é focar o suicidado sob a ótica psicossocial, considerando a representação contida na comunicação do suicidado.

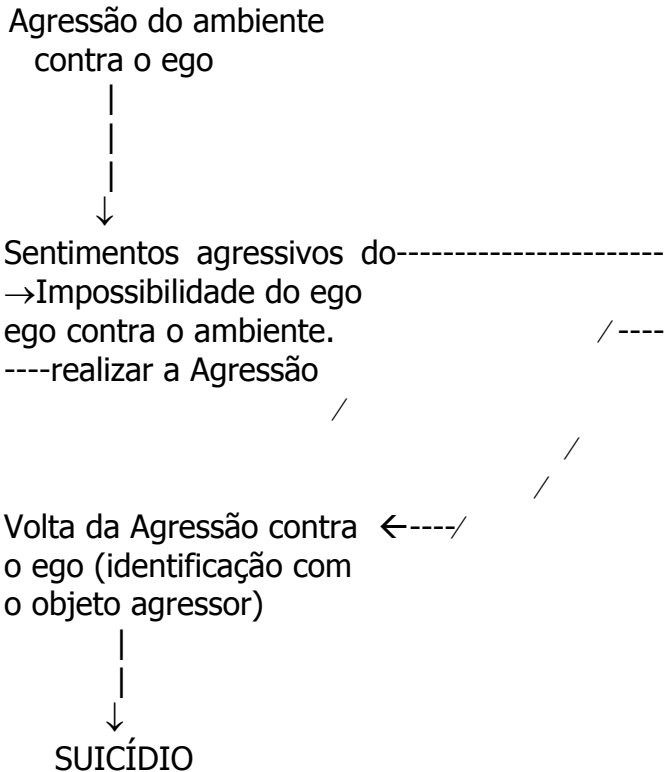
II - Teorias

Marcimedes Martins da Silva

Estudar o suicidado, considerando os aspectos psicossociais, obriga rever alguns pontos das teorias de Durkheim e Freud, ambos estudiosos do suicídio através de diferentes abordagens, uma vez que o primeiro enfatiza as determinações sociais e o segundo privilegia os mecanismos intrapsíquicos.

A principal contribuição de Freud para a suicidologia é datada de 1920 - o texto "*Além do princípio do prazer*" - onde procura explicar o conflito humano como sendo, essencialmente, o conflito de Eros x Thanatos. Eros é a pulsão que conduz a vida e Thanatos é a pulsão que conduz a morte, sendo necessário haver equilíbrio entre as duas pulsões para que o suicídio não ocorra com o predomínio da pulsão de morte.

Dias (1991), após fazer uma revisão dos casos clínicos dos pacientes de Freud que tentaram o suicídio e citar outros textos freudianos, finalizou sua análise com o gráfico abaixo baseado em explicações encontradas em "*Luto e Melancolia*", texto publicado em 1917:



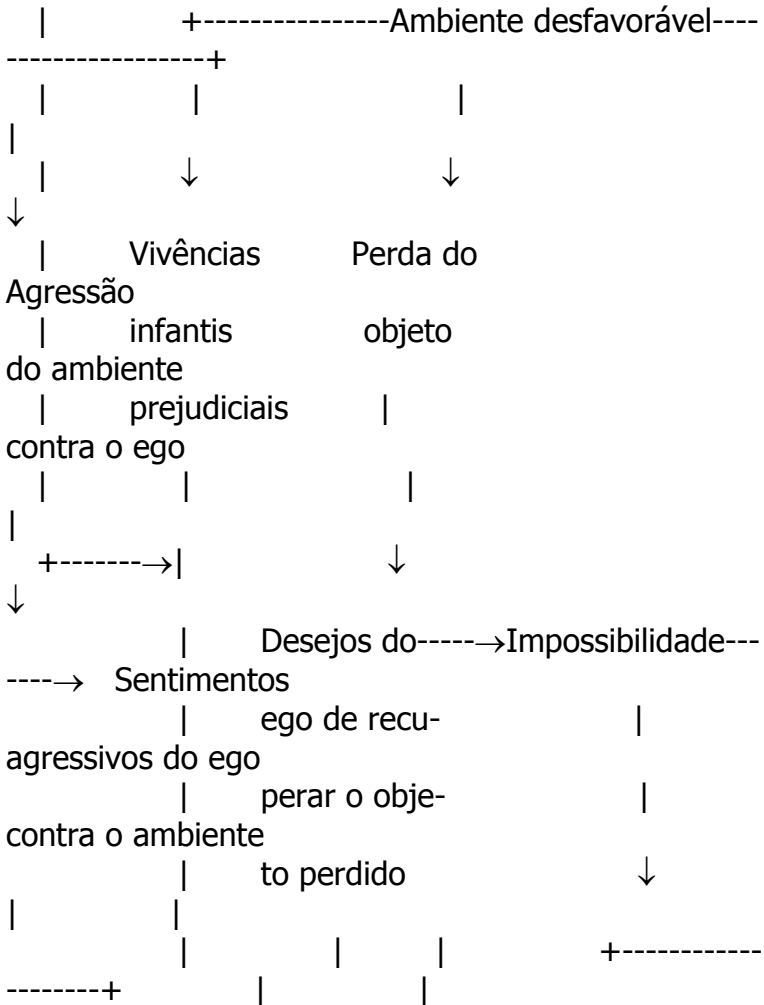
Este gráfico mostra uma análise simplista do conflito suicida pois considera apenas dois fatores: o ambiente e o ego. Posteriormente, como pode ser observado no gráfico reproduzido na página 17, extraído do texto de Valy Giordano (1982), a visão psicanalítica foi ampliada através da psicogênese das idéias de suicídio elaborada por Garma. Este considera a relação de dois amplos fatores: o ambiente desfavorável e a constituição do indivíduo,

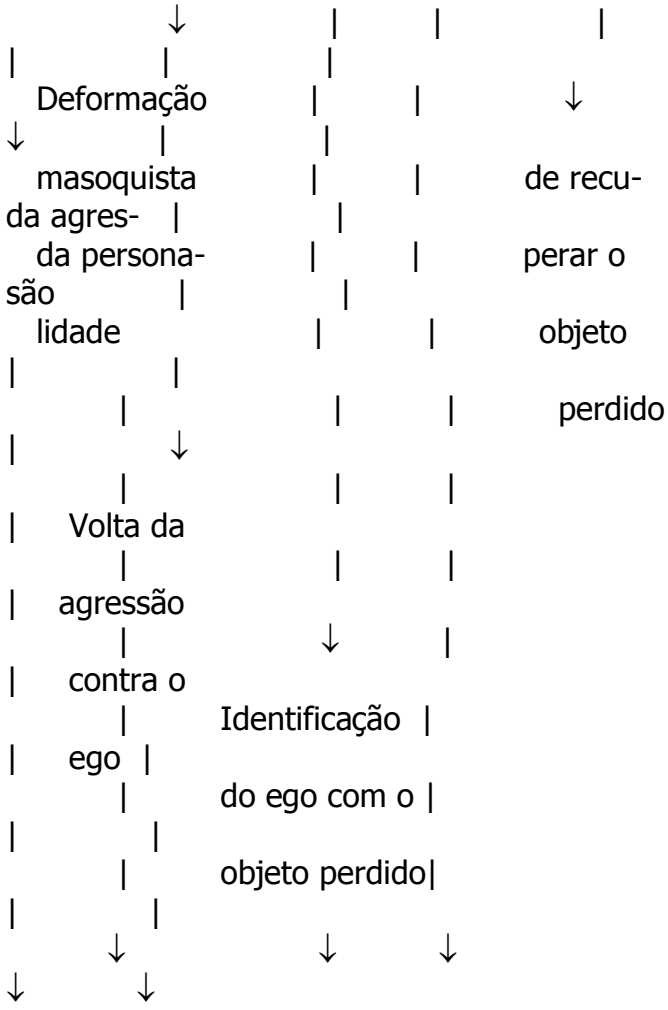
ênfatizando a depressão resultante do luto e melancolia, o papel do objeto perdido, a deformação masoquista da personalidade e a internalização das agressões do ambiente. Da síntese dos dois fatores poderia emergir uma personalidade autodestrutiva. Esta autodestruição contaria, segundo contribuição do psiquiatra Menninger(1970), com mecanismos intrapsíquicos : "*(...) o suicídio deve ser considerado como uma espécie peculiar de morte que envolve três elementos internos: o elemento de morrer, o elemento de matar e o elemento de ser morto.*" (p. 37). Melhor dizendo: o desejo de morrer, o desejo de matar e o desejo de ser morto.

PSICOGÊNESE DAS IDÉIAS DE SUICÍDIO

GARMA

Constituição





S U Í C I D I

O

Na obra clássica datada de 1897, Durkheim analisa o suicídio como fato social. Ele (1987) escreve:

"Dado que a pequena minoria de pessoas que se matam todos os anos não constitui um grupo natural, que não estão em contacto umas com as outras, o número constante dos suicídios só pode ser devido a acção de uma causa comum que domina os indivíduos e que lhes sobrevive." (pp. 311-312)

Além da sociedade ser composta por indivíduos, é composta também por fatos sociais de diferentes maneiras, inclusive como fenômenos abstratos de consciência coletiva e sua manifestação concreta que são as representações coletivas. A vida social é essencialmente formada por representações. Estas representações coletivas são de uma natureza muito diferente das representações individuais: deve-se admitir que os estados sociais diferem qualitativamente dos estados individuais e, ainda, são exteriores aos indivíduos. A vida social age sobre o comportamento do indivíduo a partir do exterior. Estruturas e normas criadas por diferentes indivíduos materializam-se em realidades autônomas que passam a independêr daqueles que as criaram. Além disso, tornam-se também mais inalteráveis e menos acessíveis aos indivíduos, ainda que nem toda consciência social consiga exteriorizar-se e

materializar-se a tal ponto. Durkheim estava preocupado com a manutenção da ordem social. A solidariedade social é o ponto de partida para sua teoria sociológica. Ele salienta que existem as influências exteriores, quer sejam de associações, quer sejam de acontecimentos passageiros, que perturbam o funcionamento da vida coletiva, configurando uma situação anômica, que é a ausência ou desintegração das normas. Ou seja, as crises industriais ou financeiras bem como as crises de prosperidade, por exemplo, têm o mesmo resultado, fazendo aumentar os suicídios porque são perturbações da ordem coletiva. Ele afirma que, para preencher as necessidades morais do indivíduo, é preciso que a sociedade desempenhe o papel moderador entre os limites de cada um. Ela é a única autoridade moral superior ao indivíduo e cuja superioridade este aceita. No entanto, o Estado, a religião e a família passam a encontrar dificuldades para desempenhar o papel moderador, conforme Durkheim(1987) afirma:

"Atualmente, e sobretudo nos nossos grandes Estados modernos, a sociedade está demasiado longe do indivíduo para poder agir sobre ele de uma maneira eficaz e contínua." (p. 376) bem como "(...) a menos que a humanidade volte ao ponto de partida, as religiões nunca mais poderão voltar a exercer um domínio nem muito vasto nem muito profundo sobre as consciências." (p. 378).

Finalmente, após comentar como a família esta perdendo, dia a dia, seu controle sobre o indivíduo, Durkheim afirma que "(...) *esta dispersão periódica reduz a zero a família como ser coletivo.*" (p. 380). O suicídio, segundo Durkheim, reflete a frouxidão das normas sociais e, conseqüentemente, a coesão grupal e a solidariedade estão ausentes. Kalina e Kovadloff(1983) afirmam, claramente, que Durkheim "(...) *vê no suicídio o sintoma de um trauma cultural, a expressão de um conflito comunitário proveniente ou resultante de uma dissolução parcial, mas profunda das três forças coercitivas clássicas da civilização ocidental: a família, o Estado e a religião.*" (p. 60).

Situando-se na fronteira entre o estudo de Durkheim e a psicanálise, este estudo considera o indivíduo vivendo conflitos intra/inter-subjetivos dentro da sociedade. Assim, é preciso pensá-lo enquanto indivíduo que contém as múltiplas determinações da complexa estrutura social - onde se destacam família, Estado e religião. O ser humano vive um constante paradoxo: ao mesmo tempo que é sobrecarregado por uma avalanche de informações e aparenta estar integrado ao todo social, na realidade, está só e sem tempo de elaborar o acúmulo de diferentes valores morais que recebe, bem como sem possibilidade de perceber a si mesmo e aqueles que o rodeiam. O Estado exerce seu controle através de diferentes comunicações nem sempre claras aos indivíduos e que vão desde obrigações - registro de nascimento, atestado de óbito, declaração do imposto de renda, entre outras

- até a utilização de propagandas subliminares disfarçadas em campanhas educativas ou notícias. Quanto a religião e a família, elas continuam exercendo controle sobre as consciências, mas, hoje, mediadas pelos meios de comunicação. Assim, a religião pode se apresentar ao indivíduo através da televisão ou do telefone. Por exemplo, todos os anos, o Papa João Paulo II tem aberto a Campanha da Fraternidade da CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil via televisão e rádio, diretamente do Vaticano e, em São Paulo, é possível ouvir mensagens evangélicas através do telefone.

Entretanto, o homem não é um sujeito passivo diante da sociedade e não se deve atribuir ao organismo social toda a responsabilidade pelo suicídio individual. É preciso enxergar o ser humano também como sujeito ativo na sociedade, enfatizando-o enquanto ser comunicativo, criador de símbolos e significados. A comunicação é uma necessidade humana básica e o ser humano utiliza-se dela em todas as situações de sua vida para partilhar com os demais suas experiências, constituindo sua identidade. Isolado, o indivíduo desumaniza-se. Ora, suicidar⁴, ainda que não faça parte da vida de todas as pessoas, é uma ação que faz parte da vida daqueles que efetivamente se matam. E, lembrando que a comunicação pode se

⁴ O uso comum é suicidar-se ou se suicidar, mas a opção em usar neste estudo o verbo sem a partícula **se** deve-se a compreensão do termo **suicidar** = **morte de si mesmo**.

dar através de formas verbais e não verbais, torna-se possível pensar no suicídio como gesto de comunicação praticado por alguém que se vê tolhido na sua razão comunicativa. Nesta comunicação, porém, é difícil perceber a mensagem enviada e como ela é recebida. Isto porque o intercâmbio suicidado-sociedade, a curto e a longo prazo, se dilui pelo aparente isolamento de cada ato suicida no tempo e no espaço, o que é reforçado pela dissimulação e repressão social. Porém, é a palavra que comunica o fato para a sociedade que irá juntar os inúmeros gestos suicidas isolados dentro de um só contexto social. O suicidado, através de seu gesto, permanece incomodando o mundo "dos outros", uma vez que estes ficarão procurando significado para seu último gesto. O processo de comunicação suicidado-sociedade, portanto, continua dentro de um campo interacional. Por isto, é preciso resgatar o ato suicida: o gesto solitário, uma vez efetivado, perde sua característica de isolamento porque desencadeia um processo de comunicação contra o qual vão se consolidando diferentes mecanismos de controle social, utilizando diversas formas de comunicação dispersas por instâncias de poderes que não descartam sequer um limitado controle familiar.

Neste ponto, cabe retomar a literatura a respeito de suicídio, especificamente a respeito de bilhetes suicidas, se detendo, em primeiro lugar, no estudo desenvolvido em França sob coordenação de Foucault (1977) a respeito do memorial escrito por Pierre Rivière, o qual matou a mãe, a irmã e o irmão

no século XIX. Ele foi preso, condenado a morte, indultado para ficar em prisão perpétua e, vendo recusado seu pedido para receber a pena de morte, enforcou-se na cadeia.

Peter e Favret, dois estudiosos do caso Pierre, afirmam que para ele ser ouvido foi preciso que matasse e a recusa da justiça ao pedido dele para receber a pena de morte era também a recusa em ouvi-lo. Foucault acrescenta que relatos como estes podem servir de intermediários entre o quotidiano e o histórico, produzindo história que, por sua vez, marca datas, lugares e pessoas. É uma história abaixo do poder⁵ e que vem chocar-se com a lei.

Riot, outro estudioso do caso Pierre, diz que os médicos e os magistrados fazem duas tentativas de substituir o memorial por versões "aceitáveis"⁶, embora contraditórias, da vida de Rivière.

E foi assim, recoberto por todo o peso dos textos oficiais, que o texto de Rivière ficou desaparecido nos arquivos por quase cento e cinquenta anos.

A análise do memorial de Pierre Rivière é importante porque caracteriza a intenção deste estudo em ser parte dos que procuram dar voz aos suicidados, diferenciando-se dos trabalhos apresentados a

⁵ A expressão “história abaixo do poder” designa, neste estudo, todos os relatos de acontecimentos ausentes da história oficial que permitem tornar conhecidos aspectos da sociedade que se encontravam encobertos.

⁶ Aspas do autor Riot.

seguir, os quais são importantes porque oferecem contribuições metodológicas à análise dos bilhetes suicidas.

A) Literatura

O levantamento bibliográfico específico a respeito de bilhetes suicidas indica que o primeiro autor a abordar o assunto foi Brierre de Boismont em 1856 em França⁷ seguido de Wolf em 1931 nos Estados Unidos da América e de Morgenthaler em 1945 na Suíça⁸. Brierre de Boismont analisa os sentimentos expressos pelos suicidas em seus escritos, dividindo-os em bons, maus e sentimentos mistos. Wolf resume os bilhetes, distribuindo-os por temas tais como pobreza, amor não retribuído, doença, etc. Morgenthaler enfatiza os estados emocionais dos escritores de bilhetes.

A tentativa de introduzir uma técnica mais precisa de análise dos bilhetes suicidas, porém, começa com Shneidman e Farberow em 1956, investigando as diferenças de conteúdos entre bilhetes legítimos⁹ e simulados. Os bilhetes legítimos eram os escritos, evidentemente, pelos suicidados, enquanto que os simulados eram os escritos por pessoas colocadas na situação "simulada" de que se matariam, porém,

⁷ Citado por Durkheim (1987).

⁸ Citados por Frederick (1969).

⁹ Em inglês o termo utilizado é "genuine", mas se preferiu fazer a versão para legítimo em substituição a genuíno porque assim fica bem claro que o bilhete é autêntico, reconhecido como sendo de autoria do suicidado pelas autoridades legais.

antes, deveriam escrever um bilhete. A partir destes autores, para melhor compreender como se desenvolveram os estudos a respeito dos bilhetes suicidas, pode-se sistematizá-los em quatro grupos: estudos de bilhetes legítimos de suicidados comparados com simulados; estudos de bilhetes legítimos de suicidados comparados com bilhetes legítimos de tentadores e ameaçadores de suicídio; estudos somente de bilhetes legítimos de suicidados e estudos de revisão das pesquisas a respeito dos bilhetes suicidas. As diferenças entre os estudos são encontradas, principalmente, nos métodos utilizados pelos diferentes autores. Assim, Shneidman e Farberow (1956 e 1957) utilizam o Quociente Desconforto-Alívio elaborado por Mowrer; Tuckman, Kleiner e Lavell (1959), Darbonne (1969a,b), Lester (1971a), Cohen e Fiedler (1974) e Chynoweth (1977) se preocupam em buscar os conteúdos emocionais; Osgood e Walker (1959), Gottschalk e Gleser (1960), Spiegel e Neuringer (1963), Tuckman e Ziegler (1968) e Lester e Reeve (1982) pesquisam os conteúdos emocionais juntamente com a análise gramatical ou de estilo; Jacobs (1967) faz um estudo fenomenológico, classificando os bilhetes pelas intenções dos suicidados; Tuckman e Ziegler (1966) utilizam a análise de padrões de linguagem das crianças segundo Piaget; Frederick (1968) utiliza a análise gráfica dos bilhetes; Hood (1970) e Beck, Morris e Lester (1974) procuram descobrir o grau de intenção de se matar expressos nos bilhetes; Lester (1971b) verifica a necessidade de afiliação(reunião com os mortos) do suicidado; Edland e Duncan (1973) buscam o significado da morte expresso pelo

suicidado; Henken (1976) e Edelman e Renshaw (1982) utilizam computadores para analisar os bilhetes na busca de estilo próprio do suicidado em escrever; Lester e Hummel (1980) procuram nos bilhetes os desejos de matar, morrer e ser morto do suicidado detectados por Menninger; Shneidman (1981) propõe que o bilhete seja estudado junto com a história do sujeito; Leenaars e Balance (1981, 1983 e 1984) fazem a análise dos bilhetes segundo sentenças-protocolos extraídas das teorias de Freud, Bismark e Kelly; e, finalmente, Frederick (1969), Shneidman (1973 e 1979) revêem os estudos a respeito dos bilhetes suicidas.

Frederick conclui sua revisão com algumas recomendações, entre as quais, que devem ser feitos estudos comparando bilhetes suicidas de grupos culturais diferentes, estudos comparando suicidados que deixaram bilhetes com suicidados que não deixaram e, principalmente, dado a dificuldade em se obter bilhetes suicidas para estudo, sugere que haja maior intercâmbio entre os pesquisadores do mundo inteiro porque os estudos dos bilhetes suicidas abrem as portas para investigações dentro da teoria da personalidade, psicodinâmica, teoria da aprendizagem, etc. Segundo Frederick, cada pesquisa feita com bilhetes suicidas é uma contribuição histórica porque muitos dados de bilhetes suicidas se perdem devido à dissimulação das autoridades e amigos que estão presos a velhos tabus em relação ao suicídio, requerendo que se realizem programas educativos visando acabar com os tabus e ajudar as pessoas a superarem seus

sentimentos de culpa. Só assim será possível encontrar respostas que até o presente permanecem desconhecidas.

Shneidman, em sua primeira revisão, termina por propor (epistemologicamente) cinco tipos de bilhetes suicidas: 1. Tético = dogmático, contendo teses; 2. Antitético = refutando ou subentendendo teses; 3. Sintético = combinando teses e antíteses; 4. Atético = contendo ponto de vista, instruções; e 5. Ambitético = contendo um ponto de vista e seu contrário.

Em 1979, Shneidman revê novamente os estudos a respeito de bilhetes suicidas desde 1856 para concluir que os bilhetes suicidas podem ser imensamente explicativos nos casos individuais quando colocados dentro do contexto de um estudo de caso detalhado ou anamnese.

Ressalte-se, portanto, que todos os estudos apresentados até aqui não abordam o assunto sob a ótica psicossocial. Via de regra, eles se restringem a abordagens psicológicas ou psicanalíticas ou sociológicas, ora enfatizando o indivíduo, ora o social. Além disso, em geral, os autores centralizam a atenção no conteúdo, esquecendo que o fato está inserido dentro de um contexto social mais amplo de relações, o qual este estudo pretende questionar.

Recentemente, um trabalho que procura descrever mecanismos específicos da dinâmica sócio-psicológica (ou psicossocial) do suicida expressos em

"mensagens de Adeus"¹⁰ é o de Dias publicado em 1991. Contudo, Dias analisa mensagens de suicidados e suicidandos, ao passo que aqui somente os bilhetes dos suicidados serão analisados. E, enquanto Dias analisa a visão da vida e da morte pelo suicida e as dinâmicas específicas do mesmo relacionadas ao narcisismo, aqui caberá analisar as representações sociais - ancoragens e mediações - do suicidado expressas nos bilhetes sem pré-determinar quais temas serão explorados. Outra diferença entre o estudo de Dias e este é que enquanto aquele considera os bilhetes como "mensagens de Adeus", portanto de indivíduos que se despediram para sempre, este estudo considera os bilhetes como expressões nítidas de comunicação dos suicidados, sendo o próprio ato suicida um signo de comunicação por excelência que o mantém vivo na sociedade após a morte.

Assim, partindo-se do pressuposto que interessa aos suicidados serem ouvidos após a morte, os conteúdos dos bilhetes serão analisados tentando resgatar o que eles têm para dizer, para quem escreveram e com quais sentimentos e intenções. Afirmar que o suicidado quer ser ouvido, implica reconhecer a comunicação como processo fundamental do desenvolvimento do ser humano. Ele pensa, expressa seu pensamento em palavras e,

¹⁰ As **mensagens de Adeus** é a expressão utilizada por dias para o material deixado pelos suicidas em forma de cartas, bilhetes e fitas de áudio.

quando quer ser ouvido além do espaço e do tempo, registra suas palavras através da escrita. No caso do suicidado, espera-se aclarar ainda mais a importância de lhe ser dado ouvidos, o que será possível após a análise dos mecanismos sociais que estão controlando o indivíduo.

B) Representação social e comunicação

Para aprofundar a abordagem psicossocial, optou-se pelo conceito de representação social. É preciso lembrar que este conceito foi introduzido na Psicologia Social por Moscovici(1978) resgatando o conceito de representação coletiva de Durkheim contido nas obras "O suicídio e "Formas elementares da vida religiosa". Para Durkheim, a vida coletiva é integrada pelos fatos sociais e a consciência coletiva de que esta dotada é, por sua vez, integrada por representações coletivas: efeitos que se sobrepõem aos indivíduos que compõem a coletividade e que refletem a própria coletividade. As representações coletivas diferem das representações individuais, assim como a associação de seres humanos produz um todo que se sobrepõe as partes que o formam.

Moscovici supera o reducionismo sociológico e incorpora mecanismos sócio-cognitivos. Propõe a substituição do adjetivo coletivo (Durkheim) pelo adjetivo social para:

- descartar a oposição individual versus coletivo;

- contrapor a homogeneidade implícita nas representações coletivas à diversidade e pluralidade das representações no contexto histórico-social de uma sociedade complexa e aberta; e
- enfatizar a comunicação que possibilita fazer algo individual tornar-se social.

Ele afirma que a reprodução das propriedades de um determinado objeto pelo ser humano não é o reflexo de uma realidade externa perfeitamente acabada, mas uma verdadeira construção mental do objeto que implica reconstruí-lo dentro de um contexto de valores, noções e regras. A representação social é elaborada pela atividade simbólica do indivíduo que, assim, apreende o seu ambiente. Portanto, a representação social só pode ser compreendida se também for buscada a história individual relacionada à história da sociedade a qual o indivíduo pertence. Ela é o processo e o produto da relação entre a atividade mental e a práxis social. As pessoas agem concretamente no cotidiano, fazendo história, comunicando-se umas com as outras através de representações sociais que, por sua vez, são redefinidas. Moscovici reconhece que a representação social é um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso de comunicações interindividuais. O universo das representações sociais é o universo consensual, sendo que a linguagem desempenha um importante papel, facilitando associações de idéias, reconstruções de regras e valores, onde o desconhecido passa, simbolicamente, a conhecido.

Os dois processos básicos, segundo Moscovici, da representação social são a ancoragem e a objetivação. **Ancorar** é trazer para categorias e imagens conhecidas o que não está ainda classificado e rotulado. É transformar o que é estranho em algo familiar, ou seja, ancorar o desconhecido em representações já existentes. Assim, o novo objeto da representação ganha sentido; o que é novidade passa a ser parte integrante e enraizada no sistema de pensamento oficial (ciência) ou em outras representações e, por sua vez, passa a fazer parte do sistema de integração entre o indivíduo e o mundo social porque o que é comum ao grupo permite compartilhar comunicação e influenciar a ação. **Objetivar** é transformar uma abstração em algo quase físico. **Objetivação** é o processo através do qual se cristaliza uma representação: noções abstratas são transformadas em imagens cujo conteúdo interno após descontextualizar-se forma um núcleo figurativo para, por fim, transformar as imagens em elementos da realidade. Importante também é salientar que para qualificar uma representação como social é preciso definir o agente que a produz e enfatizar que a representação tem como função contribuir exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Jodelet (1985) acrescenta que a representação social é o ponto de intersecção do psicológico e do social. Constitui-se a partir das experiências, dos conhecimentos, informações e modelos de

pensamentos transmitidos, cotidianamente, através da tradição, educação e comunicação social. Toda representação define-se por seu conteúdo, o qual tem como elementos conceitos e imagens criados por alguém a respeito de um objeto, de forma a se relacionar com outras pessoas. A representação social é produto e processo de uma elaboração psicológica e social do real, ou ainda, designa uma forma de pensamento social. Assim, um observador da vida social deve estar atento para perceber as diferentes formas que a representação social assume.

"As representações sociais, na ótica da psicologia social, constituem uma forma de conhecimento prático - o saber do senso comum - que tem dupla função: estabelecer uma ordem que permita aos indivíduos orientarem-se em seu mundo material e social e dominá-lo; e possibilitar a comunicação entre os membros de um determinado grupo." (Spink, 1989, p. 2).

Enquanto Jodelet apresenta as representações sociais como elementos constitutivos de concretização da ideologia, Moscovici pressupõe:

"(...) certo grau de interdependência entre os dois conceitos. Define, assim, tanto as representações quanto a ideologia como gêneros de produções mentais sociais atribuindo, porém, às representações propriedades funcionais específicas - a

organização do real, a orientação da conduta e da comunicação - que as tornam irreduzíveis a ideologia. Ou seja, as representações refletem a ideologia mas tem sua própria especificidade." (Spink, 1989, p. 9).

As reflexões a respeito de representação social levam a concluir que o ser humano, objeto e sujeito da história, desenvolve-se através de processo de comunicação, onde a representação social, dinamicamente, estrutura e é estruturada. Para analisar as representações que um indivíduo tem do mundo onde vive, ou viveu, é necessário captar a visão que tem de seu mundo, sabendo que tal visão dependerá do lugar ocupado pelo indivíduo em relação aos outros. Esta relação não é apenas objetiva, mas também subjetiva, onde um se confronta com o outro e, ao mesmo tempo, com a imagem que elabora do outro. Por sua vez, ouvir o indivíduo suicidado significa tentar compreender como seu espaço se constitui nesta relação enquanto realidade subjetiva que se insere no real porque o suicidado permanece socialmente representado no pensamento dos vivos e é reproduzido toda vez que alguém se mata.

Para aprofundar a reflexão a respeito de comunicação, buscou-se embasamento teórico em autores de diferentes áreas do conhecimento. Vovelle (1987), um dos principais historiadores da atualidade, afirma que as pessoas do povo estão reduzidas ao silêncio. Para se exprimirem é preciso

valorizar, além das fontes escritas, o que se faz (os gestos e o que expressam); o que se vê (iconografia e arqueologia) e o que se diz (tradição oral). O antropólogo social Leach(1978) enfatiza que na compreensão da comunicação devem ser consideradas:

"(...) todas as várias dimensões não verbais da cultura como estilos de vestuário, cenários de um vilarejo, arquitetura, móveis, comida, cozinha, música, gestos físicos, postura, etc. [que] estão organizadas em conjuntos padronizados a fim de incorporarem a informação codificada de uma maneira análoga aos sons, palavras e frases de uma língua natural."(pp. 16-17).

Para Leach, a comunicação humana é alcançada através de ações expressivas que operam como sinais, signos e símbolos sendo que, muitas vezes, interessa ao estudioso interpretar os resultados de antigas ações expressivas de outras pessoas ou povos, variando de uma carta a um monumento ou costume. Ele define os termos - sinal, signo e símbolo - da seguinte maneira:

Sinal : a entidade A "que porta a mensagem" causa a mensagem B por resposta encadeada;

Símbolo: a entidade A significa a entidade B por associação arbitrária; e

Signo : a entidade A significa a entidade B como uma parte para o todo. Por exemplo, coroa é signo de realeza.

Ele afirma também que:

- " (...) 1) os signos não ocorrem isolados; um signo é sempre membro de um conjunto de sinais contrastados que funciona dentro de um contexto cultural específico;*
- 2) um signo só transmite informação se combinado com outros signos e símbolos do mesmo contexto." (1978 : 20).*

Explicando melhor, um signo é uma ligação simbólica estabelecida por convenção e uso habitual entre um objeto do mundo externo e uma imagem mental, a imagem-sentido. Quanto aos símbolos (tanto verbais como não verbais) interessa observar que, quando são utilizados para distinguir uma classe de coisas ou ações de uma outra, estão sendo criadas fronteiras artificiais em um campo "naturalmente" contínuo. Tais fronteiras, em princípio, não deveriam ter dimensões, mas suas marcas ocupam espaços e, assim, tornam-se implicitamente ambíguas e fontes de conflito e ansiedade, quer se trate de dividir o tempo ou o espaço. Esta reflexão de Leach a respeito de fronteira como zona limítrofe ambígua, área "sagrada" e sujeita a tabu, é importante no contexto deste trabalho para entender o suicídio como ritual de transição porque:

"O cruzamento de fronteiras e limiares é sempre cercado de rituais, como também a transição de um status social para outro."(1978, p. 46).

(Estas) "(...) práticas rituais, sendo dinâmicas, devem ser vistas como sinais que automaticamente desencadeiam uma mudança do estado (metafísico) do mundo.

Em tais práticas, o movimento dos indivíduos de uma localidade física para outra e a seqüência na qual tais movimentos são realizados são, eles próprios, parte da mensagem; eles são representações diretas das "mudanças na posição metafísica" (1978, p. 63).

Os ritos de transição tem uma estrutura semelhante composta de três fases, observáveis no esquema geral reproduzido a seguir (1978, p. 97) :

condição anormal
iniciado sem status
fora da sociedade
fora do tempo
(rite de marge: estado marginal)

condição
 |__| _____ |__| condiçã
 o
 "normal" |__|
 |__| "normal"
 inicial |__|
 |__| final
 -----> rito
 rito----->--
 iniciado de
 de iniciado
 no status separação
 agregação no status
 A, do
 B, do
 tempo T1
 tempo T2

Rito de separação: o iniciado que está se submetendo a uma mudança de status deve ser separado de seu papel inicial, retirando-se de sua existência normal, tornando-se temporariamente uma pessoa anormal que existe em um tempo anormal.

Rito de marginalidade: intervalo de ausência de marcação de tempo social que, se aferido por um relógio, pode durar poucos momentos ou se estender durante meses. O iniciado é mantido fisicamente à parte das pessoas comuns e pode se sujeitar a todos os tipos de permissões e proibições especiais, geralmente, com relação a comida, roupas e movimento. Está "contaminado pela santidade" e é

também perigoso e, assim, "sujo". Para voltar a vida normal, precisa ser lavado, descontaminado.

Rito de agregação: o iniciado é trazido de volta para a sociedade normal e agregado ao seu novo papel.

Estes ritos de transição, analisados enquanto processos de comunicação, implicam em observar os suicidados, revelando todos os significados dos seus supostos silêncios.

Umberto Eco(1977), filósofo e semioticista, procura elaborar uma teoria unificada do signo, definindo operacionalmente o sinal, o signo, o interpretante, e outros termos; e dando diretrizes para introdução à pesquisa semiológica. Segundo Eco: 1) não se deve negar a imobilização da realidade em modelos porque é a única forma de exercer um certo domínio sobre ela, mas, de outro lado, é preciso estudar as diferenças individuais que impelem a realidade , modificando-a e, conseqüentemente, alterando também sua compreensão; 2) uma teoria unificada do signo implica em "(...) *definições operacionais, no sentido de que poderiam dar lugar a construção de um autômato capaz de comportamento sígnico.*" (p. 195). Ele afirma:

"Em qualquer processo de comunicação elementar entre duas máquinas, a partir de uma fonte de informações um emissor escolhe sinais que um aparelho Transmissor faz passar através de um Canal, de modo que um aparelho Receptor os capte e

responda segundo modalidades da relação estímulo-resposta. (...) Tem-se um signo quando por convenção preliminar qualquer sinal é instituído por um Código como significante de um significado. Tem-se processo de comunicação quando um emissor intencionalmente transmite sinais postos em Código mediante um Transmissor que os faz passar através de um Canal; os sinais saídos do Canal são captados por um aparelho Receptor que os transforma em mensagem perceptível para um Destinatário, o qual, com base no Código, associa a mensagem como forma significante, um significado ou conteúdo de mensagem. Quando o Emissor não emite intencionalmente e aparece como Fonte natural, tem-se um processo de significação - conquanto sejam observados os restantes requisitos.

Um signo é a correlação de uma forma significante com uma (ou com uma hierarquia de) unidade que definimos como significado. Nesse sentido, o signo é sempre semioticamente autônomo em relação aos objetos a que pode ser referido." (pp. 196-197).

Eco não diferencia diretamente na teoria unificada do signo o que é ícone, mas cita Peirce, para o qual ícone - um signo - pode ser tanto um desenho, um diagrama, uma metáfora, quanto uma imagem mental. Eco escreve:

"Peirce chega a dizer que um ícone só existe na consciência, mesmo se por comodidade se estende o nome de ícone a objetos externos que produzem um ícone na consciência. Por isso, chamar ícone a uma fotografia é pura metáfora: ícone é a imagem mental que aquela fotografia suscita..." (1977, p. 163).

Os autores apresentados apontam como é possível estudar de diferentes perspectivas as diversas formas de comunicação e contribuem, assim, para a elaboração da metodologia deste trabalho descrita no próximo capítulo.

III – Metodologia

Marcimedes Martins da Silva

O desafio metodológico que se apresenta é descobrir meios eficazes de captar objetivamente a comunicação entre o suicidado e a sociedade e a trama das representações sociais neste processo. As reflexões anteriores respaldam a escolha do universo empírico da presente pesquisa: os bilhetes e as fotografias tiradas dos cadáveres ainda no local do suicídio, complementadas pelas informações do perito.

A) - Procedimento

Foram coletados 16 bilhetes deixados pelos suicidados e 6 fotografias tiradas após o suicídio. Portanto, os suicidados pesquisados totalizam 22 sujeitos porque as pessoas das fotos não são as mesmas que deixaram os bilhetes. Todo material foi obtido durante doze meses, aleatoriamente, com a ajuda de um perito criminal, o qual auxiliou com diversos relatos a respeito das fotografias, não caracterizando propriamente uma entrevista mas servindo de apoio, com suas observações, para análise do material. Para tanto, cabe reforçar o que foi dito na página 30 quando citou-se Vovelle e Leach, com as palavras de Simson¹¹ que, fazendo

¹¹ Simson, Olga R. de Moraes Von. O uso da fotografia na pesquisa sociológica: reflexões de pesquisa.

uma reflexão a respeito do uso da fotografia na pesquisa sociológica, lembra :

"(...) a imagem fotográfica, em si, não permite estabelecer relações. Ela é um momento congelado no tempo. É o conhecimento que o pesquisador tem a respeito do assunto retratado que lhe permite enxergar outras informações nesse registro visual." (p. 3).

Além disso, lembra que:

"(...) a reconstrução histórico-sociológica de um determinado fenômeno ou processo é aquele que utiliza a fotografia conjuntamente com outros tipos de dados empíricos." (p. 5).

Os dados estatísticos do IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, inicialmente previstos como dados, não serão utilizados porque estes, se por um lado oferecem uma ordem de grandeza aceitável, de outro lado são imprecisos. Esta imprecisão resulta de inúmeros fatores, destacando-se entre eles: os fatores religiosos - as fracas porcentagens dos suicídios em países latinos são influenciadas pela predominância do catolicismo; os fatores políticos - os dados estatísticos tendem a ser manipulados para defender interesses econômicos e/ou políticos; e, finalmente, fatores morais - autoridades médicas

tendem a atribuir outra causa a morte para defender interesses de familiares e/ou autoridades.¹²

B) - Análise dos dados

A análise dos dados será predominantemente qualitativa na procura de unidades de significados e de contradições presentes nos bilhetes e nas fotografias para configurar núcleos de representação.

Na tentativa de analisar os conteúdos dos bilhetes, foi testado o método de agrupar as palavras em unidades de núcleos de pensamento ou significação. Inicialmente, analisou-se uma carta de um jovem suicida reproduzida no livro "Meu pai me matou" de autoria do psiquiatra Haim Grunspun. O método se mostrou fecundo encontrando como núcleo de pensamento a palavra vida, aumentando a dúvida levantada pelo autor a respeito de se tratar de suicídio ou assassinato. Entretanto, a posteriori, a técnica se apresentou limitadora na análise dos bilhetes coletados para este estudo porque há bilhetes curtos, sem significados claros, sem repetições de palavras ou idéias, dificultando que se estabeleça os núcleos de pensamento do discurso.¹³ Optou-se, então, em construir uma estratégia de

¹² As críticas aos dados estatísticos podem ser encontradas na obra: GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves le. Os números falam por si próprios. In: Suicídio: modo de usar. Trad. de Maria Angela Villas. São Paulo : EMW, 1984. 236p. pp. 28-30. (Coleção Testemunho 6).

¹³ Ver Anexo I.

análise para captar as riquezas e as complexidades das mensagens, registrando o que é comum, o que é insólito, o que é peculiar e o que é contraditório, sem perder o objetivo de que o suicidado procura através de seu ato comunicar-se com a sociedade.

Assim, foram feitas, passo a passo, diferentes análises: análise das palavras utilizadas pelo suicidado para se referir ao suicídio, análise por categorias temáticas emergentes (atividade, metamorfose, família, religião, Estado, sentimentos, etc), análise do interlocutor (suicidado escreveu para pessoa da família, autoridades políticas ou religiosas, etc) e análise das intenções do suicidado (despedida, acusação, conforto, testamento, etc); sempre procurando privilegiar os sentimentos e a inserção social, reconhecendo que as reflexões estão limitadas pelas teorias que as orientam.

As fotos foram analisadas para se obter dados sobre a preparação (roupa, local, higiene corporal, etc) e a maneira como ocorreu o suicídio, o porquê do uso de determinado meio destrutivo e, mesmo, gestos fixados na imobilidade do corpo. Por exemplo, analisando a foto de um jovem, foi possível perceber, auxiliado pelo relato do perito, que ele teve o cuidado de enfaixar o rosto para não deformá-lo com o tiro de revólver. Seria isto uma demonstração de vaidade? Era necessário deixar o corpo comunicando sua beleza para o mundo dos vivos? Será que pensava em retornar ao mundo dos vivos?

A intenção é conseguir, qualitativamente, inferir uma realidade além da realidade aparente, produzindo uma síntese de como esta realidade se apresenta e, a partir daí, inferir como foi vivida pelo suicidado, o qual se manifestou através de representações sociais. O pressuposto aqui é tentar captar a representação social também através das fotografias, ainda que o estudo se concentre mais especificamente em analisar os conteúdos das mensagens dos suicidados como manifestações espontâneas escritas por estes em algum momento de suas vidas e não, necessariamente, nos últimos minutos ou dias que precedem seu gesto. A idéia é que as mensagens escritas constituem-se, por si mesmas, claras expressões de suas vontades em se comunicarem juntamente com as linguagens corporal e espacial. O conjunto de ações da pessoa são mensagens objetivas visando perpetuá-la nos seus semelhantes através das emoções. O suicídio é um gesto de comunicação.

IV - As Fotos e os Bilhetes: Considerações Gerais

Marcimedes Martins da Silva

O universo pesquisado compreende 16 bilhetes suicidas e 6 fotografias.

Os bilhetes foram escritos por 9 homens com as idades de 15, 20, 22, 27, 28, 33, 35, 53 e 56 anos e por 7 mulheres com as idades de 20, 22, 27, 30, 40, 60 e 64 anos, ou seja, trata-se de analisar bilhetes deixados por uma população mais jovem do que idosa e quase com o mesmo número de homens e mulheres, sendo 11 suicidados de cor branca, 5 pardos e 3 descendentes de orientais, todos atendidos pela polícia na Grande São Paulo, excluindo-se a região do ABCD.

Entre os homens, 4 suicidaram por ingestão de veneno, 3 com tiro, um por precipitação em queda livre e um se utilizou de dois meios: facada no peito e, em seguida, enforcamento.

Entre as mulheres, 4 suicidaram com tiro, uma por precipitação em queda livre, uma por enforcamento e uma se utilizou de dois meios: ingestão de veneno e gás liquefeito de petróleo.

Todos os bilhetes foram escritos em português, inclusive o de uma pessoa estrangeira; há predominância de manuscritos com canetas esferográficas azuis, registrando-se somente um

caso em datilografia e um com tinta guache vermelha escrito na parede. Entre os manuscritos com tintas esferográficas azuis registra-se um na contracapa do livro "Sentinelas da Alma" da autoria do médium Francisco Cândido Xavier.

As fotografias mostram 4 homens e 2 mulheres. Dois aparentam ser jovens; um homem aparenta mais de 50 anos e outro apresenta o corpo em adiantado estado de decomposição, dificultando assim a determinação de sua idade. Uma mulher deve ter cerca de 60 anos e a outra cerca de noventa anos.

Entre os homens, dois suicidaram com tiro de revólver, um por enforcamento e um se utilizou de dois meios: fogo e tiro de revólver.

Entre as mulheres, uma suicidou com dois tiros de revólver e uma com uma facada.

Antes de iniciar a interpretação dos bilhetes e das fotos, cabe lembrar que os estudos a respeito dos bilhetes suicidas não reproduzem integralmente seus conteúdos ou, quando muito, trazem-nos em um anexo ou em partes no texto principal. Aqui, porém, lembrando Foucault, para quem este material é parte de uma história abaixo do poder e que vem chocar-se com a lei, os conteúdos dos bilhetes não são apenas parte deste estudo e sim o que há de principal porque se constituem em testemunhos resgatados para a história, uma vez que se encontravam encobertos por inúmeros outros documentos nos arquivos oficiais. Além do que, a

reprodução dos bilhetes na íntegra possibilita ao leitor viver, antes de iniciada a análise, a reflexão a respeito de cada texto suicida para, depois, ter condições de ir concordando ou discordando das interpretações dadas e, até mesmo, fazer novas descobertas. Afinal, assim como cada suicidado escreveu um discurso que lhe é próprio e exclusivo porque ninguém havia escrito e nem escreverá exatamente igual tais conjuntos de palavras, também as interpretações dos bilhetes divergem por causa das influências sócio-históricas que fazem o ser humano refletir, carregado de emoções, e o faz agir ou reagir, passivo ou ativo, levado por uma ideologia. Este comentário vale também para as fotografias, feita a correção de que cada uma foi exclusivamente pensada pelo suicidado e materializada por outra pessoa, o que provoca novas imagens mentais em quem as vê, sendo que as informações do perito também são produtos das imagens nele suscitadas.

A análise a seguir não é a única e a mais verdadeira. A preocupação é ser o mais fidedigno possível às representações sociais do suicidado para o que se respalda em uma reflexão teórica e interpretação rigorosa dos dados. Ao mesmo tempo está aberta ao diálogo com o leitor permitindo novas análises. Os bilhetes estão reproduzidos abaixo, com nomes fictícios, ordenados por idades e separados pelos gêneros masculino e feminino. Na análise, visando facilitar ao leitor localizá-los rapidamente, sempre que quiser ou se fizer necessário, após a citação de cada parte dos bilhetes serão citados entre

parênteses o sexo (M = Masculino e F = Feminino) e a idade de quem os escreveu, indicações suficientes para facilitar ao leitor localizar a citação nos textos a seguir reproduzidos. Os outros dados - cor, meio, forma da mensagem e observações - estão colocados de acordo com as indicações do perito e foram mantidos, ainda que estejam imprecisos, porque mesmo assim podem auxiliar na análise.

A descrição das fotos, seguidas de informações do perito, estão no Anexo II, lamentando-se que não estejam reproduzidas por não se ter recebido autorização.

Eis os bilhetes:

Sexo, Idade : F, 20

Cor : Parda

Meio: Tiro na cabeça

Forma de mensagem: manuscrito a tinta esferográfica azul

"São Paulo 18 de julho de 1988

Edu estou deixando esta carta para mostrar a você o que sinto e o que estou sentindo.

Edu são 2:15 hs da madrugada não consegui dormir um minuto se quer esta tudo doendo dentro de mim só em pensar que ti perdi de verdade.

Du porque você fingiu, porque você mentiu para mim este tempo todo. Du não estou agüentando mais, está sendo duro resistir esta dor tão grande que estou sentindo

dentro de mim e por viver assim preferi morrer.

Edu quando lembrar-se de mim lembre-se que ti amei e amei de verdade"

Sexo, Idade : F, 22

Cor : branca

Meio : precipitação em queda livre

Forma de mensagem: manuscrito

Obs: modelo

"Carlos

Eu precisava tanto falar contigo, pena, você não deixou. Vou morrer te amando. Eu te amo loucamente. Tudo o que fiz de errado, foi uma necessidade de estar com você outra vez.

Você não quis me ouvir. Agora será impossível me ouvir outra vez. Eu te amo. Se tomei esta iniciativa foi simplesmente pelo fato de saber que nunca mais o teria de volta.

Por mim, peça desculpas à minha mãe. Diga a ela que eu a amo muito também porém não encontrei mais nenhuma existência para mim. Eu te amo, tudo o que fiz foi porque o amava demais. Tentei explicar isto à minha mãe: não se preocupe, será impossível te ligar outra vez.

(assinatura)

Eu, Márcia, dou meus olhos, meus cabelos e meu sangue a quem precisar.

Juro estar dizendo a verdade, perante todos e a Deus.

(assinatura)

Sem ele não viver mais.

(assinatura)"

Sexo, Idade : F, 27

Cor : (descendente de orientais)

Meio : projétil de arma de fogo

Forma de mensagem : carta manuscrita a tinta azul

"A quem possa interessar:

Grande parte do que possuía foi vendida ou doada. O que resta, é minha vontade que seja entregue ao meu amigo João; o qual poderá dar a meus pertences o destino que lhe aprouver.

Nada deverá ser entregue a qualquer parente meu.

Quanto aos meus restos mortais, suplico encarecidamente; não o torturem com choros, rezas ou velas. É apenas a minha matéria e imploro que a deixem degradando-se em paz. A putrefação não é degradante. Se a humanidade permitisse que a natureza tomasse o seu curso, seria o renascimento da matéria.

Eu renasceria no vento que passa a murmurar, nas folhas que farfalham, no solo que abriga e alimenta milhares de seres vivos, na água que corre para o mar nas chuvas que regam os campos, no orvalho que cintila ao luar, nas grandes árvores que abrigam ninhos de passarinhos e que vergam a passagem dos ventos fortes, nos pequenos arbustos que escondem a caça do caçador...

Céus! Eu me vingaria se apenas uma de minhas partículas participasse do desabrochar de uma flor ou do canto de um pássaro. Romântico? Não! Foi o mundo, minha família, meu educador mas principalmente... foi o seio que aconchegou a criança que vinha lhe contar as suas tristezas, máguas, alegrias, pensamentos, e seus desejos íntimos... suas esperanças. A criança crescida quer voltar para lhe contar seus sofrimentos, decepções, a morte de suas esperanças... para encontrar novamente o aconchego onde poderá descansar sua cabeça cansada e abatida e onde poderá, enfim, chorar as suas lágrimas que não encontram onde chorar.

Volto derrotada porque não fui capaz de viver, trabalhar e estudar não foram suficientes para mim. E foi tudo o que me restou. Prefiro morrer do que viver com a morte dentro de mim.

Perdoem-me ..., ..., ..., "

Sexo, Idade : F, 30
Cor : parda
Meio : enforcamento
Forma da mensagem : manuscrito a tinta
esferográfica azul
Obs: deixou dois filhos

"Adeus para todos vocês
Angela"

Sexo/Idade : F, 40
Cor : branca
Meio : vários tiros no marido e um na própria
cabeça
Forma da mensagem: manuscrito a tinta
esferográfica

"Matei porque não agüentava mais. Estou
cansada e não vou deixar ele para ninguém
não será meu más também não será de
Claudete.

Carlos o documento está assinado na
frasquera é só você passa o carro para o seu
nome

té Adeus.

Maria

Amo vocês
mas estou morrendo aos pouco desde o dia
que encontrei aquela mulher com ele no
carro."

Sexo/Idade : F, 60
Cor : branca
Meio : ingestão de inseticida e gás liquefeito
de petróleo
Forma da mensagem : bilhete manuscrito com
esferográfica azul

"Sofro demais, não aguento. Querida Joana
não entre só: não choquem Antônio e Maria"

Sexo/Idade : F, 64
Cor : branca
Meio : tiro
Forma da mensagem : manuscrito a tinta
esferográfica azul
Obs: pessoa de posses, estrangeira

"Eu, Josefa, peço desculpas devido as minhas
depressões nervosas pelo meu ato, tomado
por mim mesma.

Peço às autoridades de não divulgar meu caso, que é uma decisão minha para meu descanso eterno, é meu desejo. Deus abençoe esta terra maravilhosa que é o Brasil.
'Amem' "

Sexo/Idade : M, 15

Cor : (descendente de orientais)

Meio: tiro

Forma da mensagem : bilhete feito com tinta "guache" vermelha

Obs : suas vestes se compunham de uma jaqueta azul com as mangas cortadas, camiseta fantasia, rasgada na parte inferior, calça rasgada na altura dos joelhos, cuecas de malha e, com adornos, uma corrente com cadeado no pescoço, uma medalha e um parafuso na lapela. Os pés calçavam botinas.
"Punk"

" "Mãe - eu não quero ser mais uma ovelha desse sistema (me faça um favor de me enterrar como estou) "

Sexo/Idade : M, 20

Cor : (traços orientais)

Meio : ingestão de formicida

Forma da mensagem : manuscrito a tinta
esferográfica

"São Paulo, 3 de janeiro de 1988

Marisa

As palavras são as mesmas os motivos são os mesmos. Se lembra quando você me disse que eu sabia que você não gostava de mim e eu disse que não tinha certeza. Agora você diz que não sofre, mas eu sinto isto. E vou confiar no meu palpite. Não quero que sofra mais. Não sou um vencedor como você disse, pois minha única vitória é sua felicidade.

Faço isso pensando em mim, pois assim finalmente descanso.

Faço isso pensando nos outros, pois assim paro de perturbar os outros.

Assim creio agradar gregos e troianos.

Te amo muito. Cuide-se. Seja feliz.

(assinatura)

Favor avisar as seguintes pessoas:

a) Fone

b) Fone

c) Fone

d) Fone

Sexo/Idade : M, 22

Cor : branca

Meio : ingestão de veneno

Forma da mensagem : escrito

"Essa atitude foi muito bem analisada e achei que a hora era essa. Não chorem por mim...

Deus é grandioso; eu espero poder ajoelhar-me em seus pés no dia do juízo final, pois sei que só assim serei perdoado e reintegrado com os meus.

Eu estou feliz, não chorem.

Tudo será mais belo.

Meus dias neste planeta chegaram ao fim.

Estou contente.

Mãe eu te amo

Eu amo todos vocês

Não chorem

(assinatura) "

"Rosemir você deve telefonar

..... Fone

(vizinha) Fone

..... Fone

Obrigado

(assinatura)

Eu possuo estes bens:

Cadern. Poupança n. dia (3)

saldo

Cadern. Poupança n. dia (14)

saldo

Cadern. Poupança n. dia (3)

saldo

O cheque n. deve ser usado para cobrir parte das despesas, sendo que o restante deve sair das cadernetas de poupança

(assinatura)"

 "Veneno
 Cuidado"

 "Música de Bach (Tocata e Fuga em R maior)
 esta é a música do Chevrolet (opala)"

 Sexo/Idade : M, 27

Cor : branca

Meio :precipitação em queda livre

Forma da mensagem: manuscrito com tinta esferográfica azul na contracapa do livro "Sentinelas da Alma" da autoria de Francisco Cândido Xavier

"Querida Carla

Estou certo que encontrei em você um mundo cheio de luz e fraternidade humana. Sou como você mesmo disse, um espírito em evolução necessitando de tudo isso. Ao seu lado, estou certo que caminharei paralelamente à vida, a alegria que transbordou tanto em você.

Um grande beijo.

(assinatura)"

Sexo/Idade : M, 28

Cor : branca

Meio : tiro no ouvido

Forma da mensagem: manuscrito a tinta
esferográfica azul

"Sei que quando você ler este bilhete achará loucura o que está acontecendo, mas tudo é a síntese de uma árdua e solitária era para o ser humano.

Tentei transmitir amor, paz, compreensão, amizade, para um mundo que já se esqueceu de tudo isso. Sei que todos acharão covardia minha ter procurado a morte, porém não acho que desapareci e sim tento passar para um outro plano, talvez um lugar em que eu me encontre e não me sinta tão deslocado.

Não estou louco e sim decepcionado com a vida e outras pessoas. Quero que todos saibam que ninguém é culpado de ter tomado esta decisão fiz com consciência nas conseqüências.

A você José um forte abraço e obrigado por ser uma pessoa incrível. Logo todos se esquecerão de mim, portanto, não quero velório, flores, choro, mas sim uma cremação pura e simples e que minhas cinzas sejam

jogadas em alto mar, pois não quero deixar marcas em um mundo que nunca me notou. Chega de palavras, pois estas também irão se perder com o tempo.

Adeus

(assinatura)

P.S. desculpe os erros de português.

Deixo para minha filha todos os meus pertences para que ela tenha sempre lembrança do pai que sempre a amou e que mesmo longe materialmente estará sempre ao seu lado espiritualmente

Cuidado, a arma é automática e pode disparar sem mais ou menos.

(assinatura)

Sexo/Idade : M, 33

Cor : parda

Meio : facada no peito (ferimento perfuro-
inciso) e, em seguida, enforcou-se

Forma da mensagem : manuscrito a tinta
esferográfica

"Isto é para Rodrigo todas as minhas
ferramentas."

"Creusa isto é para você e o meu amor primo." (frente da folha)

"Creuza você foi a mulher que me fez perder a minha família. Você não me deu o que eu quise então eu lhe dou a minha vida.

Assinado: o dia D. vida D. amor D. passeio D. fim." (verso da folha)

"Esta faca em meu corpo é para ser entregue a Doralice para cortar esta língua felina que também destruiu o meu casamento Amém

(assinatura) (manuscrito colado na faca)

"Para Giane Deus te abençoe Es a minha bênção feliz praia pelo resto de tua vida Amém.

"Isto é para João

(assinatura)" (manuscrito preso a uma tv)

"Testamento: Minha mãe, você fez de tudo e consegui. Maria me de estudo para Rodrigo e tenha a tutela dele

(assinatura)

A minha parte na casa é de Rodrigo e uso e frutos de Creuza, Giane e Wanderlei portanto não deve ser vendida até os 21 anos de Rodrigo. Creuza o que eu mais queria na minha vida era filhos e você me tirou este prazer de um homem. Então para que ser homem Amém

(assinatura)"

 "Favor entregar, na garagem onde trabalhava,
 para os porteiros

(assinatura)"

(manuscrito sobre uma capa plástica amarela
 disposta em cima do fogão e sob uma fita
 cassete)

 "Creuza tenho fé em Deus que volto para te
 buscar?

Você e os filhos Amém minhas férias para
 que nenhum filho da puta tire barato deles
 Amém."

 Sexo/Idade : M, 35

Cor : branca

Meio : ingestão de veneno

Forma da mensagem :

Obs : veterinário

"Sei que estou tendo uma atitude um tanto
 egoísta depois de tanto me ajudarem o único
 que não consegue se ajudar sou eu, sempre
 levei uma vida desarranjada sem zelo e amor
 por aquilo que fazia, chegou um momento
 que não consigo tocar mais a vida passei a ser
 um dependente e isso agora me incomoda,
 me perdoem vocês foram tão bons para
 comigo em especial o Alberto, Worer (?) e Lui

que me falaram tantas palavras de carinho. No momento me sinto incapaz de conseguir desempenhar qualquer coisa só me passa pela cabeça esta idéia de morte fixa coisa que na clínica se tornou mais sólida. Deus aprendi que ele existe, sei que segundo a crença a gente sofre por aquilo que fez de errado vou pagar por isto. Nunca soube me dar e receber afetividade sou um tapado não consigo aprender fácil as coisas.”

Sexo/Idade : M, 53

Cor : branca

Meio : ingestão de formicida

Forma da mensagem : manuscrito a tinta azul

Obs : suicídio em um hotel de baixa condição financeira

"Por favôr

Avissem o Deputado Dr. Raul.

Ele tomará as providências para avisar em São João da Boa Vista.

Assim, não ficarão esperando que eu apareça por lá, um dia qualquer.

Obrigado e

desculpem os transtornos.

(assinatura)"

Sexo/Idade : M, 56
Cor : branca
Meio : disparo de arma de fogo
Forma da mensagem : datilografada
Obs: carcereiro

"Dr. ou Dra.

- 1- Eu era alcoólatra
 - 2- Fui internado três vezes
 - 3- Estou em tratamento no serviço de Psiquiatria há sete anos.
 - 4- Porém fazem cinco anos que eu parei de beber, não bebo bebida alcoólica nenhuma, mas nem cerveja.
 - 5- Eu vinha bem durante esse tempo (os cinco anos) estava tomando o haldol e o fenergan.
 - 6- Mas o ano passado (agosto ou setembro) tive uma pequena recaída, andava um pouco nervoso, dormindo pouco e tremia um pouco as mãos.
 - 7- A médica trocou os remédios o haldol e o fenergan para o neozine de 100, mas o neozine de 100 me dá um pouco de sono há mais.
 - 8- Agora eu tive esta recaída, mas não foi por causa da bebida, porque realmente fazem cinco anos que eu não bebo nada mesmo."
-

V - Os Ícones e as Metamensagens Suicidas

Marcimedes Martins da Silva

É interessante observar que os homens suicidados não manifestam assim seus conflitos internos, p O indivíduo pensa em diferentes maneiras de se matar a partir de suas experiências sociais. Estas experiências interpessoais e interpsicológicas passam, depois, a serem intrapsicológicas de maneira que toda perturbação que se dá no plano da comunicação pode produzir grandes problemas.¹⁴ Isto leva a situar o fenômeno suicídio como um processo de comunicação. Manhães (1991) escreve:

"Uma coisa é certa. O grande suicida, o que realmente quer por fim a sua vida, sempre o faz, no silêncio ou no alarde, como o grande humorista Péricles que se matou no último dia do ano."(p. 29)

Péricles se trancou no seu apartamento e abriu o gás. Dias (1991) complementa:

"(...)Péricles, como muitos, precisou morrer para comunicar sua solidão. (...) É nítido, nas mensagens de Adeus, como com a

¹⁴ Golder, Mario. A teoria da atividade como fundamento científico da Psicologia Social. Conferencia na Pontificia Universidade Católica-PUC. São Paulo, 05.06.91.

morte do indivíduo sua intimidade se revela aparente, nua, em comunicação. O sujeito do lado dos mortos entra em contato com as outras pessoas num diálogo emocionado."(p. 130)

Assim, o suicídio de Péricles é mais um que confirma o suicídio como gesto de comunicação e confirma também as palavras de Pinguet (1987) :

"Morrer de acidente ou de doença não e senão morrer - mas matar-se é fazer do silêncio mesmo da morte o eco do labirinto."(p. 45)

É partindo desta premissa, do suicídio como processo de comunicação, que se pode observá-lo a partir de um caso genérico: o suicidado deixou ou não um bilhete.

O suicidado é, ao mesmo tempo, a fonte que emite um sinal em código e o emissor da comunicação.

O ato de suicidar é a mensagem. O transmissor desta mensagem é qualquer outra pessoa que utilize canais (conversa, jornal, televisão, rádio, etc) para comunicar o ato, ou seja, a mensagem.

A sociedade é receptora da comunicação e a fonte que realimenta o processo.

O que possibilita que a mensagem do suicidado seja conhecida socialmente é o signo suicídio que,

transmitido pelos canais diversos (pessoas, documentos, fotografias, noticiários, etc), vai ressocializando o suicidado.

O suicídio é um signo. Segundo Umberto Eco (1977) :

"Um signo é a correlação de uma forma significativa com uma (ou com uma hierarquia de) unidade que definimos como significado." (p. 197)

Ou seja, o que está possibilitando este diálogo entre autor e leitor é o uso do signo suicídio dentro não só de um processo de comunicação, mas também dentro de um processo de significação. Entretanto, a comunicação do suicídio não foi iniciada pelo autor e sim pelos próprio suicidados. Já o significado é polêmico porque pode haver divergência entre o significado que o suicidado quis dar ao seu ato e o significado atribuído pelos outros. Mas, se em lugar de entender o ato pelo seu fim, a morte, iniciar a sua compreensão pelo início, o nascimento, quem sabe fica mais fácil esclarecê-lo.

A comunicação está presente no ser humano antes do nascimento porque são os códigos genéticos que comunicam as futuras características físicas da pessoa, ou seja, vida é comunicação. Ninguém deixa de se comunicar enquanto vive. O indivíduo é um ser de relações e relação implica em comunicação. Sem ela o ser não se humaniza.

A pessoa antes de suicidar procura ficar só. Esta sua ausência de relações está comunicando aos outros alguma coisa, enquanto está vivenciando mentalmente seu suicídio. Depois de ser uma imagem mental o signo suicídio é transmitido a sociedade através de uma mensagem (conjunto de ações expressivas): o ato de suicidar pertence, ainda, a vida. É um comportamento social. Para esclarecer melhor, compensa lembrar Leach (1978) : *"Um signo... só adquire sentido quando diferenciado de outro... signo contrário."*(p. 59) Assim, o contrário do signo suicídio é o signo pena de morte porque ambos levam as pessoas a vivenciar a morte na mente antes do acontecimento biológico, porém, o suicidado escolhe o meio, a hora, o local, a roupa, etc; enquanto que ao condenado a morte é imposto tudo, restando-lhe, quando muito, uma humilhante situação de último desejo ou de clemência.

Cada sucessiva imagem mental do gesto suicida é um ícone. Diferentes ícones são elaborados e se sucedem no imaginário suicida a partir da realidade social sendo que um ou mais destes ícones se concretizarão através de fotografias tiradas no local do suicídio. Estas são ícones - reproduções de imagens mentais - vivenciadas pelo suicidado quando, sozinho, comunicava a si mesmo (em segundos, horas, dias ou meses) que iria se matar por determinado meio, em certo local, com roupa escolhida ou não, etc; e, após ter escrito ou não um bilhete, visto esta ou aquela pessoa, etc. Enfim, o signo suicídio foi escolhido entre tantos outros signos para comunicar ao mundo alguma coisa. O que o

suicidado quis comunicar poderá, então, ser procurado no conjunto de suas ações expressivas - mensagens- que revelam representações sociais, constituindo o ato de suicidar a principal mensagem; as fotografias são os ícones e os bilhetes são as metamensagens porque são mensagens a respeito da mensagem principal.

VI - O Suicídio : Gesto de Comunicação Social

Marcimedes Martins da Silva

Nos bilhetes não são encontradas as palavras suicídio, cometer suicídio ou suicidar. Para que se torne mais fácil perceber se há alguma substituição destas palavras por outras nos bilhetes, cabe refletir primeiro a respeito do termo suicídio.

Até o século XVIII, a expressão utilizada era morte voluntária, quando foi, então, substituída pela palavra suicídio. Em português são empregados também os sinônimos: autofonia, autoquíria, propicídio e autocídio. As origens destas palavras são as seguintes:

SUICÍDIO - do latim "sui" = a si mesmo e "caedere" = matara, ou "cadere" = morrer, ser imolado;

AUToFONIA - do grego "auto" = a si mesmo, próprio e "fonos" = assassinio;

AUTOQUÍRIA - do grego "auto" = a si mesmo, próprio e "Kheir, Kheiros" = mão, ou seja, agir contra si mesmo pelas próprias mãos;

PROPICÍDIO - do latim "propiu" = privativo e "caedo" = matar, ou seja, provocar privativamente a morte a si mesmo; e

AUtoCÍDIO - do latim "autos" = próprio e "caedo" = matar.

Ainda são empregados em português outros termos, tais como: auto-assassinato, auto-homicídio, morte voluntária, homicídio de si mesmo e morte de si mesmo.

Analisando os bilhetes, constata-se que seus escritores referem-se ao suicídio como iniciativa, ato, isso, atitude e decisão:

"Se tomei esta iniciativa..." (F, 22)

"...pelo meu ato... (...) ...decisão minha..." (F, 64)

"Faço isso... Faço isso..."(M, 20)

"Essa atitude..." (M, 22)

"... ter tomado esta decisão..." (M, 28)

"Sei que estou tendo uma atitude..." (M, 35).

Os termos **iniciativa** e **ato** indicam **ação**. Iniciativa é ação daquele que é o primeiro a propor uma coisa e ato é ação que se fez, feita ou que se está fazendo.

O pronome **isso** indica ambigüidade e indefinição, deixando ao outro a interpretação do ato. Porém, este pronome vem acompanhado do verbo **fazer** o que novamente relaciona suicídio a ação.

Atitude indica **reação** pois é a maneira de ser - postura - em relação a determinada(s) pessoa(s), objeto(s), situações, etc.

Em resumo, todas as palavras usadas confluem a um mesmo significado: ação (ato), ação (reação), ação (decisão) e ação (iniciativa) no sentido do indivíduo assumir o poder sobre si mesmo e sobre os outros. Está presente a ação do indivíduo - iniciativa e decisão, mas também uma ação (ato) em relação aos outros - reação. A ação é a manifestação de uma força, de uma energia exercida por um agente - o

suicidado, sobre outro agente - alguém ou toda a sociedade. É como se o suicidado estivesse afirmando que seu cadáver, seu corpo está atuando sobre os outros, influenciando o social. Mas esta ação, apesar de ser iniciativa do indivíduo é determinada socialmente, produto do cruzamento entre subjetividade e objetividade, tanto quanto qualquer outro comportamento humano. O suicídio é a atividade de quem vive um angustiante conflito e de quem decide este conflito, ainda que outra atividade - opção pela vida - pudesse resolvê-lo também. O suicídio como:

"(...) toda atividade perceptiva encontra o objeto ali onde este realmente existe, ou seja, no mundo exterior, no espaço e no tempo objetivos." (Leontiev, 1978, p. 49)

pois

" (...) a imagem subjetiva do mundo exterior é produto da atividade do sujeito neste mundo. (...) a atividade não é uma reação nem um conjunto de reações, se não um sistema que tem estrutura, suas transições e transformações internas, seu desenvolvimento." (p. 67)¹⁵

¹⁵ Os textos originais são:

"(...) toda actividad perceptiva encuentra el objeto alli donde este realmente existe, o sea, en el mundo

exterior, en el espacio y el tiempo objetivos." (1978, p. 49)

"(...) la imagem subjetiva del mundo exterior es producto de la actividad del sujeto en ese mundo. (...)

la actividad no es una reaccion ni un conjunto de reacciones, sino un sistema que tiene estructura, sus

transiciones y transformaciones internas, su desarrollo." (1978, p. 67)

Matar-se é uma atividade individual inserida no conjunto de práticas humanas como sendo a única saída para determinadas situações, sendo tal raciocínio derivado de uma cultura atuante sobre o indivíduo em forma de significados transmitidos por símbolos e signos, ora subordinando ora transformando a atividade do sujeito.

No suicídio, a mediatização da cultura está presente e faz com que cada sujeito se mate de forma diferente, alterando também a conduta dos que estão ao seu lado. Está presente neste dinâmico processo de comunicação as representações sociais de cada um a respeito da morte, da vida, do próprio suicídio e de muitas outras coisas. Neste sentido, Manhães (1991, p. 36), em um estudo na área de psicologia clínica, lembra que é importante saber dos antecedentes suicidas da família e do próprio cliente.

Nesta perspectiva de análise, tem-se que o suicídio coloca a sociedade diante de um fato que se quer negar: o morto vive - isto não tem nada de sobrenatural - e passa a agir com mais força através de imagens mentais. Se, por um lado, a ação do suicidado em relação a sociedade, inegavelmente, tem como ponto de partida o seu gesto suicida, de outro lado, para que surja a imagem mental é preciso a ocorrência do gesto aliada a um processo social de recepção, caracterizando um processo de comunicação onde as representações sociais permitem ao suicidado criar e alterar a realidade.

A ausência da palavra suicídio nas metamensagens; a constância das palavras morrer (três bilhetes), morte (três bilhetes) e morrendo (um bilhete); o fato de nas fotos aparecerem pessoas mortas (que sempre leva a perguntas - como? por que? do que?); e a raridade com que pessoas suicidam em frente a outras; levam a pensar que quem está potencialmente querendo suicidar está, sobretudo, enamorado da idéia de morte, que é mais "visível", mais "palpável" e não da idéia de suicídio. O indivíduo é seduzido pela morte que acabará com "*... esta dor tão grande...*" (F, 20);

que o fará renascer "... no vento que passa a murmurar, nas folhas que farfalham, no solo que abriga e alimenta milhares de seres vivos, na água que corre para o mar nas chuvas que regam os campos, no orvalho que cintila ao luar, nas grandes árvores que abrigam ninhos de passarinhos e que vergam a passagem dos ventos fortes, nos pequenos arbustos que escondem a caça do caçador... (F, 27);
que trará

"... finalmente descanso." (M, 20)

e que fará até mesmo com que escreva

"Eu estou feliz, não chorem. (...) Estou contente."
(M, 22)

A morte, sem dúvida, é mais visível no cadáver do que o suicídio, identificando-se morto e morte, mas precisando se fazer um exame mais detalhado do corpo para registrar a ocorrência como suicídio. Além disso, pensar, primeiro, em morte é ocupar a mente com o objetivo final do suicídio, com a imagem

estática, aquela que será "vista" pela sociedade. Só a partir disto tem-se a representação do suicídio que seduz e que leva ao casamento com a morte.

A morte não é a mesma para todos, mas pode se instalar dentro de cada um, como eles mesmo reconhecem:

"... não encontrei mais nenhuma existência para mim." (F, 22)

"Prefiro morrer do que viver com a morte dentro de mim." (F, 27)

"... mas estou morrendo aos poucos..." (F, 40)

"... só me passa pela cabeça esta idéia de morte fixa..." (M, 35)

A representação social de suicídio é, pois, ancorada na representação de morte. Ressalte-se, entretanto, que as pessoas têm diferentes representações sociais da morte e, conseqüentemente, diferentes representações sociais do suicídio dependendo da religião, família e país. No Japão, tais diferenças ficaram tão objetivadas que criaram-se diferentes palavras para designar os suicídios como, por exemplo:

"funshi" = suicídio por intenção agressiva,

"jibaku" = suicídio por auto-exploração ao destruir o inimigo,

"junshi" = suicídio do escravo por ocasião da morte do seu senhor,

"seppuku" = suicídio por incisão do abdome, harakiri e

"shinju" = suicídio por paixão amorosa.

Lá se atribui muita dignidade ao gesto suicida, estando a representação social da morte amparada na crença de que o espírito do morto terá mais força para atuar na sociedade do que a pessoa permanecendo viva em dada situação cuja saída honrosa era o suicídio. Diferencia-se daqui onde junto com o pensamento de se matar, ganha força a idéia de que já se está morto e, aparentemente, se dirigindo a outras dimensões:

"... preferi morrer." (F, 20)

"Vou morrer..." (F, 22)

"Prefiro morrer..." (F, 27)

"... decisão minha para meu descanso eterno..." (F, 64)

"... finalmente descanso." (M, 20)

"... caminharei paralelamente a vida..." (M, 27)

"... tento passar para um outro plano..." (M, 28).

No entanto, uma vez analisadas, tais afirmativas demonstram contradição entre movimento(transformação) e não movimento(ato final). Tanto morrer quanto passar podem significar acabar, mas passar e caminhar podem também significar dirigir-se, encaminhar-se. Trata-se de "passar para um outro plano", ou seja, dirigir-se para um novo projeto tanto quanto "caminhar paralelamente", ou seja, se situar em algum lugar onde se possa progredir, viver, descansar, repousar eternamente ou simplesmente dar uma pausa aos sofrimentos.

Cruzando sexo e idade, tem-se que as mulheres de 20, 22 e 27 dizem que morrerão. A de 64 anos escreve que irá para um repouso que durará

sempre. O homem de 20 anos descansará. O de 27 nos afirma que estará progredindo (em outro lugar) como progrediria nesta vida e o de 28 anos escreve que é sua tentativa de passar para outro plano.

O suicídio é uma representação ancorada em diferentes representações de morte e, também, representações de vida : descanso, transformação, ausência de sofrimentos, vida paralela, etc, demonstrando que é um fenômeno psicossocial - intra e interpessoal. É intrapsíquico uma vez que o sujeito vive um conflito emocional consigo mesmo. É interpessoal porque neste conflito as emoções e os pensamentos são elaborados nas relações sociais. A representação social, segundo Jodelet(1985), ponto de intersecção do psicológico e do social, explica a atividade do suicidado em criar simbolicamente sua própria destruição a partir das suas ancoragens e do processo de objetivação que vive. Portanto, falar de suicídio é falar de comunicação, cognição e atividade, onde os sentimentos desempenham papel decisivo.

Sentimentos

É com muita emoção que ocorre a vivência de quem escreve uma metamensagem a respeito de sua mensagem maior - morte através do suicídio. Diante de uma folha em branco - o que escrever? para quem escrever? - se desenvolve um emocionante, dramático e angustiante processo mental onde sentimentos se conflituam, se

contradizem e se afirmam, politicamente pensados ou não, ideologicamente desfechados com consciência ou não de afetar toda a sociedade. Não raro, perguntas ficam sem resposta, quando não se traduzem em uma situação extremamente angustiante onde, querendo utilizar-se de um papel em branco, de uma parede ou do próprio corpo para escrever, a pessoa não consegue e seu gesto de suicídio se impõe como única comunicação. É obvio que não se pode comparar angústias porque aquele que escreve também vive um drama sem igual ao se culpar, se punir e se preocupar com as últimas recomendações e orientações aos outros, geralmente pessoas amadas ou odiadas. Mas, o importante é se pensar que, escrevendo ou não, a pessoa esta se utilizando de um processo mental para transformar o que lhe é desconhecido - morte através do suicídio - em algo familiar, especulando a respeito de como os outros irão se comportar, quer seja diante de seu cadáver, quer seja diante de suas metamensagens carregadas de esclarecimentos, desejos, conforto, etc.

As representações sociais não excluem as emoções sempre presentes em todo ato humano e que se apresentam intensamente tanto na hora em que se escreve um bilhete quanto na hora do gesto suicida. Até mesmo a ausência de nomes nas metamensagens podem também significar um excesso de emoção onde o(s) nome(s) ficaram presos na garganta e caídos feito lágrimas no papel. Não seria o caso da mulher de 30 anos, com dois filhos, capaz de escrever apenas:

"Adeus para todos vocês"
seguido de sua assinatura?

É preciso ressaltar que o suicídio ocorre devido às substituições afetivas que se sucedem na comunicação do indivíduo consigo mesmo.

Nos bilhetes há indícios de que o indivíduo luta para não ser seduzido pelo signo suicídio. Todas as afirmações de que ama alguém revela que não se sente amado e, por isto, o signo amor está totalmente vinculado ao outro a ponto do "não se sentir amado" ser substituído pela morte através do suicídio. Vejamos o que escreve a mulher de 40 anos que matou seu marido antes de suicidar:

"... não será meu mas também não será de Claudete."

O suicidado se expressa com muito amor, demonstrando preocupação em isentar as pessoas próximas de culpa mas, ambigualmente, deixa sentimentos de culpa nos outros:

"... lembre-se que ti amei e amei de verdade " (F, 20)

"Faço isso pensando nos outros, pois assim paro de perturbar os outros." (M, 20)

"Agora será impossível me ouvir outra vez. Eu te amo (...) Eu te amo, tudo o que fiz foi porque o amava demais." (F, 22)

E, ainda, compreendendo *"(...) que pratica algo inadequado, interdito, ou pelo menos afrontante aos*

outros (ao se recusar a convivência social)" (Dias, 1991, p. 93), escrevem :

"... peça desculpas a minha mãe." (F,22)

"Perdoem-me..." (F, 27)

"... peço desculpas..." (F, 64)

A mulher de 22 anos não pede desculpas diretamente a mãe, pedindo que outro o faça em seu lugar. Mas, por trás do seu pedido, está mesmo é transferindo sua culpa ao outro. Refletindo a respeito dos termos desculpa e perdão, tem-se que, quando o suicidado pede desculpas, ele quer que lhe tirem a culpa de ter-se matado. Ocorre que o comportamento de pedir desculpas foi a forma que os seres humanos encontraram de jogar no outro sua própria culpa de maneira que o outro elimine a culpa de quem está pedindo desculpas, a qual é pessoal e intransferível. No caso do suicidado não tem como seu pedido não ser aceito e, assim, acaba por forçar a transferência de sua culpa, antes intransferível, para quem destinou seu pedido. Às vezes, utiliza perdão como sinônimo de desculpa, para solicitar que seja poupado, absolvido e, aqui, a culpa de quem recebe o pedido é justamente a de não poder transmitir ao suicidado sua absolvição. O gesto suicida apresenta-se, então, como vingança e como poder. Vingança que se impõe ao outro como violência máxima, sem permitir resposta. Se o gesto não é suficiente, o suicidado reforça na metamensagem: *"Esta faça em meu corpo é para ser entregue a Doralice para cortar esta língua felina..." (M,33)* Torna-se, assim, mais poderoso após seu gesto suicida. Não se contenta em ter assumido o

poder sobre si mesmo. Quer mais. Por isto, deixa suas metagens determinando o que deve ser feito, por quem deve ser feito e para quem deve ser feito. Exerce um poder material e um poder espiritual, onde até o caos social provocado pela ambigüidade amor-ódio pode ser premeditado através da escolha de um local onde se matar, de escrever ou não uma metagem e de utilizar ou não uma arma de pessoa conhecida.

As atitudes dos outros são, pois, uma reação a uma ação do suicidado, ou mesmo a uma reação do suicidado, pois como foi visto no início deste Capítulo, o suicídio enquanto atividade pode também ser reação.

Em geral, entende-se reação uma resposta a uma ação qualquer por meio de outra ação que tende a anular a precedente. Pode-se, ainda, entendê-la como o comportamento de alguém em face de ameaça, Agressão, provocação, etc ou como sendo oposição, luta, resistência. O suicidado reage, portanto, a que?

Vejamos como cada qual reage diferentemente diante de situações também diferentes, porém há pontos em comum. Os conflitos internos tornam-se intensos e vazam para o exterior, após um sofrido processo mental de comunicação consigo mesmo, através daquilo que escrevem para, por fim, todo o sofrimento exteriorizar-se no ato de suicídio.

As mulheres suicidadas escreveram:

"... está tudo doendo dentro de mim... (...) Du não estou agüentando mais, esta sendo duro resistir esta dor tão grande que estou sentindo dentro de mim..." (F, 20)

"... enfim, chorar as sua lágrimas que não encontram onde chorar." (F,27)

"Estou cansada... ... mas estou morrendo aos poucos..." (F, 40)

"Sofro demais, não agüento." (F, 60)

"... as minhas depressões nervosas..." (F, 64)

Essas mulheres tentam, através do suicídio, anular uma ação comunicativa e emotiva que lhes é interna: a ação de sofrimento insuportável, impossível de ser extravasada através de lágrimas e que destrói o ser humano pouco a pouco. A dor não é algo abstrato e sim uma imagem que se objetiva em sofrimento físico.

orém é possível detectar que o suicídio é uma reação a baixa auto-estima, a estima aos outros e a perda de perspectiva de futuro:

"... decepcionado com a vida e outras pessoas." (M, 28)

"... não consigo tocar mais a vida passei a ser um dependente e isso agora me incomoda... No momento me sinto incapaz de conseguir desempenhar qualquer coisa... (...) Nunca soube me dar e receber afetividade sou um tapado não consigo aprender fácil as coisas." (M, 35)

As emoções tornam-se insuportáveis precisando matar o corpo para matar os sentimentos que o penalizam; sentimentos resultantes do

relacionamento do sujeito com outras pessoas do seu grupo social. São os suicidados que esclarecem:

"... está tudo doendo dentro de mim só em pensar que ti perdi de verdade." (F, 20)

"... tudo o que fiz foi porque o amava demais." (F, 22)

"Volto derrotada porque não fui capaz de viver, trabalhar e estudar não foram suficientes para mim. E foi tudo o que me restou." (F,27)

"... estou morrendo aos poucos desde o dia que encontrei aquela mulher com ele no carro." (F, 40)

"Mãe - eu não quero ser mais uma ovelha desse sistema." (M, 15)

"Tentei transmitir amor, paz, compreensão, amizade, para um mundo que já se esqueceu de tudo isso." (M, 28)

"Estou em tratamento no serviço de Psiquiatria há sete anos." (M, 56)

Analisando os suicídios através dos sentimentos, é possível concluir que o suicídio é um fenômeno que se define pelas contradições. Ele é a saída encontrada quando são quebrados os vínculos comunicativos do indivíduo com o mundo onde vivia: o suicídio é o signo que substitui o vazio existencial, quer porque há a perda do outro quer porque já não se tem força para agir em um mundo onde não há quem ou o que pelos quais se deva lutar. Há ruptura do vínculo físico e do vínculo simbólico. O ato de suicídio é a provocação, a agressão, a única luta possível porque o suicidado ama, mas não é correspondido; fala, mas não é escutado; escreve, mas não acredita que será lido:

"... ti perdi de verdade..." (F, 20)

"Você não quis me ouvir. Agora será impossível me ouvir outra vez."(F, 22)

"Chega de palavras pois estas também irão se perder com o tempo." (M, 28)

O indivíduo deixa de confiar até mesmo na mensagem que escreve e, então, seduzido pela garantia de que a única linguagem compartilhada por todos, obrigatoriamente, é a linguagem corporal, realiza o ato de suicidar, restabelecendo as relações, as comunicações entre ele e a sociedade. Cria na realidade social uma nova situação de dependência onde o suicidado tem que ser e estar colocado, obrigando que outras pessoas de seu relacionamento se manifestem e, mesmo, novas pessoas tomem conhecimento de si. Dias(op.cit) escreve:

"... o indivíduo ao morrer, "passa a viver". Ele aí, então, expressa muito de seu estado emocional e de sua interioridade que não foi possível comunicar em vida." (p. 92)

Tudo isto ficará mais claro no próximo capítulo com o prosseguimento da análise das metamensagens juntamente com a análise dos ícones, aplicando-se os pressupostos teóricos de Leach (1978) a respeito dos ritos de passagem e de Ciampa (1990) a respeito de identidade enquanto metamorfose.

VII - O Ritual de Passagem e Metamorfose

Marcimedes Martins da Silva

O suicídio, como qualquer outra situação de morte, é uma passagem. O indivíduo está cruzando a fronteira que separa a vida e a morte, as quais não são contrárias, mas complementares¹⁶ e está, sobretudo, cruzando a fronteira entre si mesmo e a sociedade. O gesto de suicidar serve para o indivíduo passar de seu "status" vivo (suicidando) para seu "status" morto (suicidado). A diferença entre o suicídio e as outras maneiras de morrer - homicídio, doença, acidente, velhice - é a exclusividade que o indivíduo tem de cruzar a fronteira vida-morte, antecipando-se às outras maneiras e possuindo rituais característicos dos quais faz parte matar-se. Leach escreve que o *"cruzamento de fronteiras e limiares é sempre cercado de rituais."* (1978, p. 46)

Os suicidados reconhecem o suicídio como uma maneira de cruzar uma fronteira *escrevendo, por exemplo:*

"... tento passar para um outro plano..." (M, 28)

"Sou... um espírito em evolução..." (M, 27)

¹⁶ Heráclito, filósofo grego, fundador da escola de Éfeso, no século V A.C., em sua doutrina afirmava que a sabedoria é o reconhecimento de que todas as coisas são regidas por todas as coisas segundo um princípio supremo de unificação - o logo - e, assim, vida e morte não são contrárias.

e quanto a antecipar-se as outras formas de passagem, eis um que assim escreve:

"... achei que a hora era essa. (...) Meus dias neste planeta chegaram ao fim." (M, 22)

Às vezes, é preciso captar as intenções do suicidado escondidas nas palavras como:

"Eu renasceria..." (F, 27)

que indicam a esperança de uma dupla passagem, sendo a primeira aquela da vida para a morte e a segunda da morte para o renascimento.

É possível detectar no rito de passagem suicida os três rituais apontados por Leach: o ritual de iniciação ou de separação, o ritual de marginalidade e o ritual de agregação.

O ritual de iniciação é aquele através do qual o indivíduo começa a se retirar de sua existência normal e, mentalmente, começa a alimentar suas idéias de suicídio porque:

"... ti perdi de verdade." (F,20)

"... não encontrei mais nenhuma existência para mim." (F, 22)

"... estou morrendo aos poucos..." (F, 40)

"Sofro demais..." (F, 60)

"... não quero ser mais uma ovelha desse sistema" (M, 15)

Motivado a se matar, começa a preparação que requer vários detalhes incluindo os cuidados com o próprio corpo, com o local do suicídio e com o método. A foto 2 apresenta uma mulher bem maquiada, bem penteada, com colar no pescoço. O "punk" (M, 15) veste jaqueta azul com mangas

cortadas, camiseta fantasia, rasgada na parte inferior, calça rasgada na altura dos joelhos, cuecas de malha, corrente com cadeado no pescoço, uma medalha e um parafuso na lapela, pedindo, através de uma metamensagem, que seja enterrado tal como está.

O método tem que garantir o resultado e, assim, cada um escolhe aquele que acredita ser o mais eficaz ou que lhe é mais conhecido, podendo, por garantia, chegar ao capricho de se dar um tiro com bala especial que espalha estilhaços por dentro do corpo (foto n. 5).

Quanto ao local, se a pessoa desconfia que seu suicídio pode ser dissimulado em acidente ou até mesmo em homicídio pelos familiares, médicos ou autoridades políticas, pode incluir no seu gesto a preocupação de que seja o mais público possível. Pinguet relata:

"... os amantes usam toda sorte de ardis para abandonar a casa fechada, eles fogem, vão morrer ao ar livre, no frio da madrugada, como para impedir a mentira e o silêncio de ficarem com a última palavra."
(1987, p. 247)

Deixar ou não deixar um bilhete também pode fazer parte deste ritual de iniciação.

O importante é perceber que o rito de iniciação ou de separação é o conjunto de ações expressivas que demonstram e comunicam como o indivíduo está se

retirando de sua existência normal e se iniciando em outra vida. O que se passa, com a pessoa, no dizer de Leach, é que aquele que *"(...) está se submetendo a uma mudança de status deve, primeiramente, ser separado de seu papel inicial. (1978, p. 95)* para tornar-se *"(...) temporariamente uma pessoa anormal que existe num tempo anormal." (p. 95)*

A seguir, o suicidado entra em *"(...) um intervalo de ausência de marcação de tempo social que, se aferido por um relógio, pode durar poucos momentos ou se estender durante meses."* (pp. 95-96) É o ritual de marginalidade onde o indivíduo se sente completamente isolado dos outros e já tem como certo sua morte social e psicológica. Ele procura se manter fisicamente afastado das outras pessoas. O indivíduo pode procurar tanto o isolamento em um cômodo quanto no alto de um edifício, mas como se trata, também, de um estado intrapsíquico, a pessoa pode se manter isolada ainda que esteja na presença de outros. Ele se sente santificado, sendo comum nos bilhetes as referências ao outro mundo:

"...onde poderá, enfim, chorar as suas lágrimas que não encontram onde chorar." (F, 27)

"Deus é grandioso; eu espero poder ajoelhar-me em seus pés no dia do juízo final,..." (M, 22)

"... tenho fé em Deus que volto para te buscar?" (M, 33)

Corroborando com a idéia de que há no suicídio os rituais de separação e de marginalidade, tem-se que

os bilhetes não são escritos com o conhecimento de outras pessoas. Quando contam com a participação de outro, como ocorreu com Getúlio Vargas auxiliado na redação de sua carta-testamento por José Maciel Filho, ao outro não é revelada a intenção de suicídio.¹⁷

O ritual de marginalidade leva, às vezes, a ser rápida a despedida como no caso do curto bilhete:

"Adeus para todos vocês" (F, 30).

Fato é que se o suicídio é concretizado após este ritual, a pessoa transita para seu novo "status" de suicidado. Caso contrário, transita para o "status" de suicidando - ameaçador ou tentador de suicídio.

Por isto mesmo, após o ritual de marginalidade, ocorre o ritual de agregação que é quando o indivíduo atinge seu novo papel; neste momento, há a volta para a sociedade dos vivos. Independente de outras comunicações do suicidado, seu corpo fala. Alguém recebe a mensagem e a compartilha socialmente. A comunicação do seu ato de suicídio, que antes reservara a si mesmo em imagens mentais, é agora socializada e pode abalar três importantes mediações sociais privilegiadas na teoria

¹⁷ "Chamara um amigo de confiança, José Maciel Filho, para desdobrar e desenvolver as poucas linhas que anotara. Além das frases do próprio punho, que saíram inteiras, definitivas, deixara indicações marginais: "Aqui entram detalhes técnicos, não estou a par das últimas cifras." Cony, Carlos Heitor. Os últimos dias de Vargas. In: Gomes, Mathias H. Getúlio Vargas. Rio de Janeiro : Tecnoprint-Ediouro, 1983. 121 p. p. 113

de Durkheim - a família, a religião e o Estado. A expressão *pode abalar* utilizada na frase anterior é proposital e indica que uma das mediações sendo atingida pode, em seguida, tomar providências para dissimular o suicídio apresentando-o como acidente, morte natural, etc. Pinguet(1987) se refere a estes suicídios dissimulados pelos familiares, médicos e autoridades com a frase "*É morrer duas vezes!*" (p. 247) E, segundo este estudo, é sufocar o suicidado duas vezes na sua comunicação porque o suicidado fez do ato de suicidar sua mensagem, comunicando não somente seu fracasso individual, mas, também, o fracasso de uma proposta comunitária (de comunicação) e, denunciando, além de sua crise, também uma crise coletiva (de comunicação). Movimenta, assim, os familiares, as autoridades - peritos, policiais, médicos e outros - que representam o Estado e as autoridades religiosas. O suicídio se posiciona, então, como uma situação fronteira também entre o indivíduo e a sociedade, além de entre a vida e a morte. É a forma encontrada de cruzar a fronteira entre o isolamento individual e a sociedade.

Antes da morte física, porém. a pessoa viveu simbolicamente seu suicídio, comunicando-se consigo mesma e tendo oportunidade de elaborá-lo psiquicamente, substituindo-o por outro signo: um ideal, uma pessoa, dinheiro, algo que é vida material e, portanto, tinha outras alternativas de cruzar a fronteira para ser agregada na sociedade no novo papel social- suicidando - resultante de sua crise de comunicação. Poderia também sair do seu

estado de marginalização e ser agregado a sociedade através de um signo substituto que lhe recordasse sua humanidade e acabasse com sua "santidade". Há vários exemplos de personagens literários que não se matam devido a tais substituições: Fausto, de autoria de Goethe, desiste do suicídio quando ouve os sinos da igreja e o personagem Severino¹⁸ desiste porque se depara com o nascimento de uma criança. Tiveram oportunidade de ancorar suas idéias de suicídio não na morte física, mas em outros signos e descobriram que *"O verdadeiro suicídio é precisamente o preciso suicídio que não se comete."* (Cooper, 1980, p. 61) Se optassem pelo suicídio, eles demonstrariam que a vida que queriam seria "outra vida" e, desta maneira, passariam a ser agregados a sociedade no papel de suicidados.

Outro detalhe importante no ritual do suicidado é que o suicídio é sempre acompanhado de violência corporal que mesmo um leigo percebe quando examina fotos de suicidados. Exemplos: a foto n. 4 mostra um homem caído no chão, um revólver e muito sangue ao seu lado; a foto n. 1 mostra uma mulher idosa, caída sobre uma cama, com uma faca enterrada no peito esquerdo e pouco sangue derramado pelo ferimento. Ou seja, a agressão contra si mesmo transcende de uma violência individual para uma violência social. A dor do

¹⁸ Severino é um personagem popularmente conhecido por causa da peça de teatro "Morte e vida severina" baseada no poema de João Cabral de Melo Neto, encenada pela primeira vez em 1965.

suicidado expressa nas metamensagens é uma dor que se espalha sobre a comunidade através de fotos, de bilhetes ou de bens porque tudo o que possa perpetuar a memória do fato é um documento que incomoda o social. Mesmo arquivados os documentos e deteriorado os bens, o suicidado não é facilmente esquecido porque a violência do seu gesto-comunicação é, sobretudo, uma violência psíquica contra os outros. Seu grito por socorro, que não foi ouvido antes, é lançado alto e implacável contra a sociedade. Dias afirma: "(...) *através da auto-agressão, o indivíduo deseja no fundo agredir ao outro ou a sociedade, se ela é vista como causa de seus problemas.*" (1991, p. 125) É o que ocorre: a dor do suicidado, como foi dito quando se analisou culpa e desculpa no capítulo anterior, é transferida para os outros de forma violenta e como dívida impagável da sociedade para com o suicidado. Este, segundo Dias, "*Transforma-se no "bode expiatório" do grupo, ao incorporar o mal.*" (1991, p. 113) Mas não é bem em "bode expiatório" que ele se transforma. Esta passagem deve ser entendida dentro de uma dinâmica onde o indivíduo age para ser considerado herói lutando contra a tendência social de considerá-lo um covarde diante da vida. Ele se coloca como oferenda de um sacrifício, utilizando-se de uma estratégia de sedução onde sua imagem de herói e de vítima deve marcar as outras pessoas. Manhães escreve:

"A serenidade mortal do grande suicida é impressionante. Ele julga estar certo e não dispensa o esmero de um certo ritualismo.

Veste-se bem, nesse momento, perfuma-se e mostra-se tranqüilo." (1991, p. 57)

Neste sentido, as fotos sugerem que o suicidado se prepara para ser tal oferenda no ritual de passagem. De fato, a foto n. 2 mostra uma mulher maquiada e a de n. 3 mostra um jovem que enfaixou sua cabeça para, segundo o perito, não estragar a beleza do seu rosto. Nota-se que o suicidado segue um ritual, onde :

- se sacrifica realmente:

"... dou meus olhos, meus cabelos e meu sangue a quem precisar." (F, 22)

"... eu lhe dou a minha vida." (M, 33)

- se preocupa com os outros:

"Veneno

Cuidado" (M, 22)

"Cuidado, a arma é automática e pode disparar sem mais ou menos." (M, 28)

- e, por fim, diferente do bode expiatório, ele se santifica e se purifica:

"Sou... um espírito em evolução..." (M, 27).

"No dia do juízo final... serei perdoado e reintegrado com os meus." (M, 22)

Para tanto, justifica-se pelos erros cometidos:

" Tudo o que fiz de errado, foi uma necessidade de estar com você outra vez. (F, 22)

"Matei porque não agüentava mais." (F, 40)

"Eu era alcoólatra (...) não bebo bebida alcoólica nenhuma, mas nem cerveja (...) porque realmente fazem cinco anos que eu não bebo nada mesmo." (M, 56)

Este último suicidado, tratado durante sete anos por psiquiatras, é obsessivo em afirmar que largou a bebida no seu bilhete endereçado aos médicos. Matar-se não pode ser visto como fracasso ou como loucura e disto eles se defendem também:

"Sei que... achará loucura o que esta acontecendo, mas tudo é a síntese de uma árdua e solitária era para o ser humano. (...) Sei que todos acharão covardia minha ter procurado a morte,... Não estou louco e sim decepcionado com a vida e outras pessoas." (M, 28)

"Sei que estou tendo uma atitude um tanto egoísta depois de tanto me ajudarem o único que não consegue se ajudar sou eu,..." (M, 35)

Assim, é importante ressaltar que o ritual do suicídio, similarmente a qualquer outro ritual de passagem¹⁹, é a procura do suicidado em integrar-se a sociedade como um novo membro - não louco e sim corajoso e poderoso como espírito - que deve ocupar o lugar do outro - covarde, incapaz de viver, derrotado - que morreu. Constrói, então, um novo personagem capaz de permanecer vivo somente através do suicídio, única atividade possível para superar a cristalização

¹⁹ Por exemplo, o ritual dos índios Bororo do Estado de Mato Grosso é particularmente útil ao propósito deste estudo porque é um ritual de morte que entrega a comunidade um novo membro no lugar de outro que já morreu. O iniciado, adolescente, vai para a floresta onde se submete a várias provas - imersão, perfuração das orelhas, corridas, caçadas, fuga dos "inimigos" adultos - para, depois, ser apresentado a futura mulher, recebendo o estojo peniano, feito de casca de babaçu e se tornando, enfim, um novo homem da sociedade Bororo.

da identidade. Ele se sacrifica em busca de uma nova vida, de uma nova identidade.

Ciampa(1987) escreve a respeito da identidade:

"Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais." (p. 127)

Identidade é um processo de transformação, de metamorfose. Analisando a busca do lavrador Severino por outra personagem, Ciampa afirma que Severino pensa suicidar e que se não conseguir construir uma nova personagem, só lhe restará este caminho de autodestruição. O que se quer colocar neste estudo é que aquele que efetivamente quer se matar para escapar a mesmice, também constrói uma nova personagem: de suicidando, transita, mentalmente, para suicidado. A representação morte-vida é substituída pela de suicídio, o qual se apresenta como possibilidade de mesmidade²⁰, de devir. Na presente análise, a pessoa ao cometer o gesto suicida realiza fisicamente a metamorfose, porque *"... identidade é metamorfose. E metamorfose é vida."* (Ciampa, 1987, p. 128) No suicídio, mais do que em qualquer outra situação, o sujeito em crise é o sujeito que é

²⁰ Ciampa parte do pressuposto de que Identidade é metamorfose sendo que mesmice é a não mudança, a aparência; enquanto que mesmidade é o devir, a essência.

crise e, por isto mesmo, capaz de se realizar somente através da própria destruição. Ameaçado na existência atual pelo tempo de vida que lhe resta, se mata porque quer outra vida. Transforma, deste modo, fronteira vida-morte em complemento da vida e, ao se matar, completa a dialética "vida-morte-vida".

VIII - A Trama Política da Comunicação

Marcimedes Martins da Silva

As fotos e os bilhetes colhidos totalizando 22 suicidados de ambos os sexos e das mais variadas idades possibilitam uma análise qualitativa para buscar as motivações para o gesto suicida. Os diversos estudos realizados conduzem ao pensamento de que há motivos múltiplos para um só suicídio e que um ou outro motivo seria apontado, dependendo do referencial utilizado. Por exemplo, um mesmo bilhete deixado por um suicidado poderia levar a se classificar seu gesto como egoísta ou narcisista.

Para Durkheim(1987), há três tipos de suicídios: egoísta, altruísta e anômico, reconhecendo que "*(...) nem sempre a experiência nos dá exemplares isolados e puros.*" (p. 285) De fato, através das metamensagens, é possível perceber que os suicidados se referem ao seus gestos efetivos de suicídio de forma *ambígua, dificultando classificá-los: "Não quero que sofra mais. (...) minha única vitória é sua felicidade.*

Faço isso pensando em mim...

Faço isso pensando nos outros..." (M, 20)

"Sei que estou tendo uma atitude um tanto egoísta..." (M, 35)

Para a Psicanálise, o indivíduo vivencia o instinto de vida versus o instinto de morte e, se o ambiente lhe é desfavorável, a agressão pode se voltar contra o

ego. Assim, o que Durkheim classifica como suicídio egoísta ou suicídio altruísta, um psicanalista pode analisar como sendo resultado do conflito instinto de morte versus instinto de vida, ou verificar os desejos de matar, morrer e ser morto apontados por Menninger(1970). Continuando com os exemplos, para o suicidado de 20 anos, uma análise psicanalítica possível é a de que nele o instinto de morte está, inconscientemente, dominando por causa do seu desejo de morrer: "*... finalmente descanso.*" O suicidado de 35 anos também declara seu desejo de morrer, com a diferença de fazê-lo conscientemente: "*... só me passa pela cabeça esta idéia de morte fixa...*", esperando ser punido : "*... vou pagar por isto.*"

A visão geral psicanalítica, segundo Manhães (1991), interpreta o suicídio como sendo decorrente de uma doença mental. Este estudo se preocupa em analisar o suicidado como pessoa, acreditando que há uma lógica normal no pensamento de todas as pessoas rotuladas como anormais e que tal lógica é taxada de anormal somente por se afastar daquela socialmente aceita. O conflito vida versus morte é próprio do ser racional e o suicídio resulta de um processo de comunicação mental que culmina em comunicação social.

Mesmo para Dias(1991), cujas reflexões caminham nesta direção, tentando descrever mecanismos específicos da dinâmica sócio-psicológica, a análise se restringe ao tabu da morte e ao suicídio carregado de traços narcisistas.O narcisismo do

suicidado de 20 anos é o de amar seu próprio ego no outro, a ponto de escrever: *"... minha única vitória é sua felicidade.*" O homem de 35 anos apresenta o traço de egoísmo que é associado ao narcisismo: *"Sei que estou tendo uma atitude um tanto egoísta..."*

As análises apresentadas significam um avanço no entendimento do suicídio, mas ainda que os pesquisadores tenham se esforçado em considerar o suicidado e a sociedade onde ele se insere, a atenção acaba se centralizando ou no indivíduo ou no grupo social, não captando a trama de comunicação presente na relação suicidado-sociedade. Dias(1991) é quem mais se aproxima do ponto que está sendo levantado neste estudo, mas sua tentativa termina centrada no sujeito:

"Pode-se, então concluir que todo suicídio é uma maneira de comunicação com os outros que se dá através da morte do sujeito. (...) O suicida precisa morrer para falar. (...) Esta comunicação mediatizada, seja via carta, bilhete, fita de áudio e, quem sabe ate, daqui a pouco, fita de vídeo, limita-se a uma comunicação auto-referente, narcísica, fechada em si mesma." (p. 136)

A) As intenções do suicidado

Uma análise mais detalhada das metamensagens revela que os suicidados estão se dirigindo a outras pessoas além daquelas para quem o bilhete foi, de início e explicitamente, endereçado. Assim, a mulher de 22 anos dirige-se a "*Carlos*", mas também "*... a minha mãe...*"; "*.. a todos e a Deus*", a ponto de terminar com uma frase confusa: "*Sem Ele não viver mais.*" Ele quem: Carlos ou Deus? Também a mulher de 27 anos explicita em parte *do bilhete* "*... ao meu amigo João...*", *depois de tê-lo endereçado* "A quem possa interessar".

A análise revela, então, que os suicidados escreveram para 27 pessoas (aparecem 27 nomes próprios) identificadas; escreveram para suas mães, filhos, filhas e parentes; escreveram para Deus; escreveram para todos e para as autoridades, ou seja, se manifestaram junto às três mediações sociais -família, Estado e religião, no sentido de que sejam mais do que meros receptores da comunicação: sejam fontes de realimentação que transmitam o signo suicídio acompanhado de suas metamensagens. Eí-las:

"Diga a ela que eu a amo muito também..." (F, 22)

"O que resta, é minha vontade que seja entregue ao meu amigo João; o qual poderá dar a meus pertences o destino que lhe aprouver." (F, 27)

"... não choquem Antônio e Maria" (F, 60)

"Peço as autoridades de não divulgar meu caso..." (F, 64)

"Favor avisar as seguintes pessoas:" (M, 20)

"Avissem o Deputado ...

Ele tomará as providências para avisar em São João da Boa Vista. Assim, não ficarão esperando que eu apareça por lá, um dia qualquer." (M, 53)

As providências que o suicidado pede excedem as materiais do tipo *"Isto é para..."* (M, 33) ou *"O cheque n. deve ser usado para cobrir parte das despesas sendo que o restante deve sair das cadernetas de poupança."* (M,22) Ele quer que sejam tomadas providências de natureza psíquica também. Dias(1991) escreve:

"Ao lado de Deus, ele decidirá sobre o próprio destino e o destino dos outros viventes ou influenciará e determinará o que estes outros sentirão após sua morte. O suicida, de um lado, sente-se derrotado, de outro, quer poder: o poder de controlar a mente alheia e impor a tudo o seu foco." (pp. 141-142).

Desta forma, os suicidados direcionam os conteúdos de suas metamensagens de forma a se constituírem e se subdividirem em bilhetes-testamentos, bilhetes-confortos, bilhetes de advertência, bilhetes de acusações e/ou protestos, ou simplesmente bilhetes de despedida:

1. bilhetes-testamentos

"Eu, Márcia, dou meus olhos, meus cabelos e meu sangue a quem precisar." (F, 22)

"Nada deverá ser entregue a qualquer parente meu." (F, 27)

2. bilhetes de despedida

"Adeus para todos vocês " (F, 30)

3. bilhetes de advertência

"... não choquem Antônio e Maria." (F, 60)

"Veneno

Cuidado" (M, 22)

"Cuidado, a arma é automática e pode disparar sem mais ou menos." (M, 28)

4. bilhetes-confortos

"Eu estou feliz, não chorem." (M, 22)

5. bilhetes de acusações e/ou protestos

"Mãe' - eu não quero ser mais uma ovelha desse sistema" (M,15)

"Esta faça em meu corpo é para ser entregue a Doralice para cortar esta língua felina que também destruiu o meu casamento Amém" (M, 33)

É óbvio que os exemplos acima não esgotam a análise possível de ser feita nas diversas metamensagens. Servem, no entanto, de apoio para fazer um paralelo entre as intenções manifestadas no bilhetes e as intenções ou motivações que levam ao efetivo gesto suicida:

- bilhetes de acusação = suicídio por vingança/intenção agressiva
- bilhetes de conforto/testamento/despida = suicídio por abnegação, por amor
- bilhetes de advertência = suicídio de advertência
- bilhetes de protesto = suicídio por protesto.

Aprofundando a análise, verifica-se que estas intenções são ataques diretos às mediações sociais:

"Nada deverá ser entregue a qualquer parente meu." (F, 27)

"Quanto aos meus restos mortais, suplico encarecidamente, não o torturem com choros, rezas ou velas." (F, 27)

"Logo todos se esquecerão de mim, portanto, não quero velório, flores, choro, mas sim uma cremação pura e simples e que minhas cinzas sejam jogadas em alto mar, pois não quero deixar marcas em um mundo que nunca me notou." (M, 28)

"Creuza o que eu mais queria na minha vida era filhos e você me tirou este prazer de um homem. Então para que ser homem Amém." (M,33)

"Mãe' - eu não quero ser mais uma ovelha desse sistema." (M, 15)

"Tentei transmitir amor, paz, compreensão, amizade, para um mundo que já se esqueceu de tudo isso." (M, 28)

Esta agressão à sociedade é ora dirigida a alguém em particular e ora dirigida à família e a todos. O suicidado, através das metamensagens, esclarece a agressão do gesto que por si só consegue violentar mais pessoas do que um assassinato. No homicídio, a violência é dirigida, depositando culpa em pessoas específicas, resultando dúvidas quanto a culpa da sociedade. No suicídio, não resta dúvidas. Ainda que não se negue a responsabilidade individual do ato, a sociedade não tem como fugir de sua quota de culpa. Ao suicidado pode-se até atribuir a manipulação desta culpa social. Isto porque os vivos tendem a colocar uma auréola nos mortos e, mais especificamente no caso do suicidado, este se serve do bilhete como se fizesse um trabalho de autorretrato, onde retoca suas imperfeições para

transformá-las em virtudes diante da sociedade, cabendo a esta toda a culpa porque ele foi capaz de se sacrificar por todos. Augusto Nunes, cronista, escreve dia 27 de maio de 1990 no jornal "O Estado de São Paulo", a respeito do bilhete deixado por N., aluno de 14 anos de idade, do Colégio Militar do Rio de Janeiro, que se matou:

"O bilhete não faz nenhuma menção aos algozes do autor - seja para absolvê-los, seja para condená-los. Os carrascos do Colégio, da mesma forma que a palavra morte, não aparecem no texto. Que no entanto desenha, entre a primeira linha e o ponto final, um claro retrato dos assassinos."²¹

Os bilhetes fazem parte de um jogo de representações sociais, podendo cada um deles conter mais do que uma metamensagem, possibilitando que, através de afirmações ambíguas, o suicidado faça um verdadeiro "sanduíche" onde as acusações se confundem

com palavras de conforto, com protestos e com suas últimas vontades, fazendo seu testamento de bens materiais e de bens psíquicos. Neste jogo, suicidado e sociedade saem perdedores. A situação é ambígua porque a derrota do suicidado é a única forma que encontra para se tornar vencedor, a partir do que é ressocializado no seu novo papel, exercendo domínio sobre a consciência dos outros. Ele transforma seu **não poder** em **poder** sobre os outros. O processo de comunicação do suicídio é um questionamento de

²¹ Ver Anexo III.

todas as representações sociais existenciais que se tem.

B) Comportamento político

Kalina e Kovadloff(1983) afirmam :

"... há uma profunda correlação entre a pessoa que se mata e a família dessa pessoa, assim ela também existe entre esse sujeito e a sociedade em que vive e morre." (p. 65) O sujeito é ele mesmo, e toda atividade que executa, e toda identidade que assume, e toda a sociedade que o cerca. O ser humano atual é, pois, potencialmente auto-destrutivo porque é armado nuclearmente, é contaminado diariamente e é despersonificado constantemente. É um ser solitário e submetido a um vínculo educacional totalitário; um ser que julga se afirmar sobre a aniquilação do outro, sem perceber que também está se matando. A barreira em torno do indivíduo vai se fechando aos poucos. Todos não passam de pacientes terminais, condenados a morte. Preso no labirinto de si mesmo, não se trata mais de encontrar um caminho, uma saída. É preciso quebrar as paredes. Para tanto, é preciso romper os vínculos estabelecidos socialmente, sejam eles familiares, religiosos ou políticos. O suicídio é a maneira radical de fazer isto, atividade que aparenta afastar para sempre o sujeito da sociedade, mas que acaba por agregá-lo no meio social.

Fica claro, conseqüentemente, que se substituir o signo suicídio por outro depende, em ultima instância, do indivíduo, há, participando deste processo, toda influência da sociedade onde ele está inserido, com a qual necessita manter um forte vínculo existencial. Os índios guaranis da reserva de Dourados, em Mato Grosso do Sul, continuarão se matando porque a substituição símica somente será possível através de uma intervenção estatal que restaure a esperança no futuro e a dignidade humana através de uma reforma agrária e resgate cultural. É necessário cuidado para que o signo suicídio seja substituído e não reforçado, como parece ter ocorrido com o suicidado de 35 anos, que escreveu:

"... só me passa pela cabeça esta idéia de morte fixa coisa que na clínica se tornou mais sólida."

Os analistas devem questionar se o método terapêutico que utilizam substituem nos suicidandos os vínculos emocionais que eles apresentam com o signo suicídio. O suicídio ocorre quando o indivíduo se percebe sozinho na sua relação e, por paradoxo, é, ao mesmo tempo, a maneira encontrada para se colocar no relacionamento com o outro, chamando, muitas vezes, este para assumir sua responsabilidade social:

"Edu estou deixando esta carta para mostrar a você o que sinto e o que estou sentindo." (F, 20)

"Tentei explicar isto a minha mãe: não se preocupe, será impossível te ligar outra vez." (F, 22)

"Foi o mundo, minha família, meu educador..." (F, 27)

"Quero que todos saibam que ninguém é culpado..."
(M, 28)

"A médica trocou os remédios..." (M, 56)

Aquele que se mata vive um conflito que qualquer outra pessoa está sujeita a vivenciar, mas é, sobretudo, o indivíduo que se sentindo aniquilado pelos outros concentra todas as suas forças em uma só direção: romper o isolamento social que está vivenciando e ganhar vida. Este movimento, consciente ou inconsciente, remete ao caráter político do gesto suicida.

O suicídio de qualquer pessoa provoca diretamente o Estado, representado tanto pelas famílias, quanto pelas instituições religiosas, médicas, policiais e jurídicas, que se valem de alguns recursos para combater os efeitos do ato suicida. Um destes recursos é a manipulação das estatísticas para diminuir o número de suicídios, aumentando as mortes naturais ou as mortes por acidentes ou por homicídios. Quando é impossível dissimular, resta produzir grande quantidade de papéis oficiais para encobrir o gesto suicida, destinando, posteriormente, todos os documentos para arquivo.

Consciente ou não de que seu gesto pode ser dissimulado e abafado, alguns suicidas reforçam seu comportamento político utilizando-se de ações que precedem o gesto suicida para montar as metamensagens presentes, por exemplo, nas suas vestes, na escolha de um local ou de palavras esclarecedoras nos bilhetes. É o caso do "punk" de

15 anos que sustenta seu ideal de contestação social nas roupas que devem acompanhá-lo morto "(*me faça um favor de me enterrar como estou*)": vestido de jaqueta azul com as mangas cortadas, camiseta fantasia, rasgada na parte inferior, calça rasgada na altura dos joelhos, cueca de malha e adornado com uma corrente com cadeado no pescoço, uma medalha e um parafuso na lapela, calçando botinas. O rapaz segue ao extremo a filosofia "punk" que é a de que não podendo desfrutar a vida neste mundo inútil, é melhor procurar a autodestruição para demonstrar que o ser humano é o resultado mesmo da criação dos outros seres humanos: um lixo.

Outro suicidado, um homem de 56 anos, mata-se para denunciar a falência da instituição que o tratou, mas, mais ainda, está denunciando o tratamento psiquiátrico tradicionalmente amparado nas leis estatais, insistindo muito que fez todo esforço possível para se livrar da bebida alcoólica:

"Dr. ou Dra.

1- Eu era alcoólatra

2- Fui internado três vezes

3- Estou em tratamento no serviço de Psiquiatria há sete anos

4- Porém fazem cinco anos que eu parei de beber, não bebo bebida alcoólica nenhuma, mas nem cerveja

5- Eu vinha bem durante esse tempo (os cinco anos)...

6- Mas o ano passado (agosto ou setembro) tive uma pequena recaída..

7- A médica trocou os remédios...

8- Agora eu tive esta recaída, mas não foi por causa da bebida, porque realmente fazem cinco anos que eu não bebo nada mesmo."

A suicidada da foto n. 1 (com cerca de 90 anos) chama atenção para o desamparo que atinge as pessoas após determinado tempo de vida, a partir do qual o ser humano é qualificado de estorvo. A sociedade tende a isolar os idosos, não lhe atribuindo papel algum a ser desempenhado e considera exceção aqueles que tem suas atividades sociais interrompidas somente com a morte natural. Em uma aldeia do Japão, Moto-Mura, se chegou a estabelecer uma idade máxima - cerca de 70 anos - para a pessoa morrer. Atingido o limite, a pessoa tinha que aguardar a morte na montanha Narayama.²²

Avançando na análise, tem-se que não é só Getúlio Vargas que suicidou com "O tiro que mudou a história"²³ e não são só aqueles que deixam bilhetes que devem ser analisados. Aqueles que não deixaram bilhetes representam também uma ameaça à ordem imposta pelo Estado. As fotos de seus corpos e todos os outros documentos que compõem os laudos periciais são arquivados. Ocorre que todo

²² Este drama japonês foi retratado no filme vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes de 1983-"A Balada de Narayama", produzido por Jiro Tomoda com roteiro de Shohei Imamura baseado no romance de Shichiro Fukazawa.

²³ Peça teatral de Carlos Eduardo Novaes apresentada pela primeira vez no Rio de Janeiro em 24.08.91.

suicídio é tratado como homicida²⁴ e sua pena é o esquecimento nos arquivos oficiais. O Estado, ameaçado pela atividade suicida, se defende. Durkheim, explicando como o Estado influencia o suicídio, escreve:

"Uma única força coletiva sobreviveu a tormenta: foi o Estado. Teve, portanto, tendência, dada a situação para absorver todas as formas de actividade que tinham um carácter social..." (1987, p. 391)

A este comentário, deve ser acrescentado que o Estado continua a absorver o indivíduo após a morte e, em especial, o suicidado porque cada um que se mata questiona politicamente, consciente ou não, toda a estrutura social. Talvez, antes de se matar, visualizando imagens mentais(ícones) do seu futuro gesto suicida, o indivíduo tente atenuar a condenação social e política, ancorando suas representações sociais em valores advindos da família, da religião e do Estado:

"Juro estar dizendo a verdade, perante todos e a Deus." (F, 22)

"Grande parte do que possuía foi vendida ou doada." (F, 27)

"Deus abençoe esta terra maravilhosa que é o Brasil.

"Amem" (F, 64)

"Deus é grandioso;... (...)

"Mãe eu te amo

Eu amo todos vocês..." (M, 22)

²⁴ Ver anexo IV.

"Estou certo que encontrei em você um mundo cheio de luz e fraternidade humana." (M, 27)

Há intenção do suicidado em ser considerado bom e verdadeiro, alguém que doou e amou muito. Por exemplo, a estrangeira deixou declarado seu amor pelo Brasil, como se isto amenizasse a violência do seu gesto.

Entre as citações acima cabe, ainda, um comentário a respeito do "Amém" que aparece uma vez no bilhete da suicidada de 64 anos. O suicidado de 33 anos repete esta palavra cinco vezes.

"Amém" deriva do hebraico "Amen" e significa Assim seja. É uma palavra muito utilizada em diversas religiões para indicar a anuência firme após uma profissão de fé e é, assim, que a suicidada de 64 anos se expressa. Porém, o suicidado de 33 anos coloca Amém nos finais de expressões tanto de vingança quanto de bênção:

"Esta faça em meu corpo é para ser entregue a Doralice para cortar esta língua felina que também destruiu o meu casamento Amém"

"Para Giane Deus te abençoe és a minha bênção feliz praia pelo resto de tua vida Amém."

Os suicidados atacam as mediações sociais, denunciando que estão querendo um mundo mais humano. Mudanças precisam ocorrer no mundo que também está se matando. Assim, tanto o suicídio quanto as palavras deixadas pelos suicidados, se resgatados dentro de um processo de comunicação,

podem e devem influenciar os vivos em suas ações futuras, transformando um comportamento social e político marginalizado em um comportamento político capaz de influenciar a realidade. Tudo isto só é possível porque o suicídio é pura comunicação e, conseqüentemente, recupera a imagem do homem ativo, dono da própria vida.

IX – Compromisso político e social

Marcimedes Martins da Silva

A comunicação vai além dos casos óbvios como o exemplo dado por Dias (op. cit.) de uma jovem de 21 anos que escreveu uma metamensagem na sola de seu calçado esquerdo para que fosse lida logo após seu suicídio por precipitação do Viaduto do Chá no centro da cidade de São Paulo. Enquanto pura comunicação, serve como exemplo o relato de Castro(1987) de que um homem "*(...) lastimava as circunstâncias que não lhe permitiam matar-se diante da moradia de dois inimigos seus e o obrigavam a limitar-se a um deles.*" (p. 178)

Aceito o suicídio como gesto de comunicação deve-se percebê-lo como a mensagem principal e, assim, os bilhetes são metamensagens e as fotografias são ícones. Enfatizando as representações sociais encontradas nas metamensagens, é possível descobrir que o suicidado reconhece seu gesto como sendo atividade. Esta se constitui em um comportamento social que promove o retorno do indivíduo à sociedade em um novo "status" - suicidado, rompendo a cristalização sufocante da identidade e permitindo que continue influenciando o mundo dos vivos. Há uma lógica escondida por trás de um gesto ambíguo e esta mesma lógica é ambígua. O indivíduo, mesmo morto fisicamente, vive simbolicamente uma nova identidade - de suicidando

passa para suicidado, restabelecendo a comunicação.

Na atualidade, tenta-se cada vez mais negar-se a morte, mas é necessário chamar a atenção para a figura do morto representado nesta pesquisa pelo suicidado, não atribuindo somente a ele a responsabilidade pela sua morte individual, mas buscando demonstrar que há em cada suicídio uma grande parcela de responsabilidade social. A culpa é parte do suicidado, parte das mediações sociais e é preciso superar a culpa e resgatar pela comunicação o indivíduo potencialmente suicida.

A trama de comunicação social que envolve o suicidado foi esboçada, ressaltando o caráter político do gesto suicida. Permanece aberto, no entanto, o aprofundamento desta trama que através de uma observação assistemática da sociedade revela ter outros ângulos a serem explorados. O CVV-Samaritanos, por exemplo, funciona como um "orelhão" sempre atento para receber as vozes dos suicidas em potencial e a imprensa pouco noticia suicídios porque se tem como certo que notícias de suicídio levam a mais suicídio, ou seja, há uma "boca fechada" a respeito do assunto.

A negação do assunto revela a ausência de compromisso social. Politicamente, quanto mais alto o cargo, maior deveria ser o interesse pelo tema. Situá-lo no contexto da comunicação e desvelar o trama que o envolve implica em despertar o debate para tentar garantir a viva voz de quem teria que sufocá-la para ser ouvido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa : Edições 70, 1979. 229 p.

BECK, R. W.; MORRIS, J.; LESTER, D. Suicide notes and the risk of future suicide. *Journal of the American Medical Association*, nº. 228, pp. 495-496, 1974.

CASTRO, Almerindo M. O martírio dos suicidas. 9ª. ed. Brasília : Federação Espírita Brasileira, 1987. 209 p.

CHYNOWETH, R. The significance of suicide notes. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, nº. 11, pp. 197-200, 1977.

CIAMPA, Antônio C. Identidade: um estudo de psicologia social sobre a estória de Severino e a história de Severina. São Paulo : Brasiliense, 1987. 202 p.

COHEN, S. L.; FIEDLER, J. E. Content analysis of multiple messages in suicide notes. *Life-Threatening Behavior*, nº. 4, pp. 75-95, 1974.

COOPER, David. A morte da família. São Paulo : Martins Fontes, 1980. 157 p.

DARBONNE, A. Suicide and age : a suicide note analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 33, nº. 5, pp. 590-596, 1969.

_____. Study of psychological content in the communications of suicidal individuals. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 33, nº. 5, pp. 590-596, 1969.

DIAS, Maria Luiza. Suicídio : testemunhos de adeus. São Paulo : Brasiliense, 1991. 372 p.

DURKHEIM, Emile. O suicídio : estudo de sociologia. 4. ed. Trad. de Luz Cary, Margarido Garrido e J. Vasconcelos Esteves. Lisboa : Editorial Presença, 1987. 405 p. (Biblioteca de Textos Universitários, 5).

ECO, Umberto. O signo. Trad. de Maria de Fátima Marinho. Portugal : Editorial Presença, 1977. 247 p.

EDELMAN, A M.; RENSHAW, S. L. Genuine versus simulated suicide notes : na issue revisited through discourse analysis. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, nº. 12, pp. 103-113, 1982.

EDLAND, J. F.; DUNCAN, C. E. Suicide notes in Monroe County : a 23 year look (1950-1972). *Journal of Forensic Sciences*, nº. 18, pp. 364-369, 1973.

FOUCAULT, Michel (Coord.). *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão : um caso de parricídio do século XIX*. Rio de Janeiro : Graal, 1977. 294 p.

FREDERICK, C. *Suicide notes : a survey and evaluation*. *Bulletin of Suicidology*, nº. 1, pp. 17-26, 1969.

_____. *An investigation of handwriting of suicide persons through suicide notes*. *Journal of Abnormal Psychology*, nº. 73, pp. 263-267, 1968.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. de Jayme Salomão et al. Rio de Janeiro : Imago, 1980. 24 v., v. XVIII, PP. 17-85.

_____. *Luto e melancolia*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. de Jayme Salomão et al. Rio de Janeiro : Imago, 1980. 24 v., v. XIV, pp. 275-291.

GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves Le. *Suicídio : modo de usar*. Trad. de Maria Angela Villas. São Paulo : EMW, 1984. 236 p. (Coleção Testemunho, 6).

GIORDANO, Valy. *Subsídios para a profilaxia do suicídio através da educação*. Dissertação (Mestrado

em Educação : Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1982, 123 p.

GOTTSCHALK, L. A; GLESER, G. C. An analysis of the verbal content of suicide notes. *British Journal of Medical Psychology*, nº. 33, pp. 195-204, 1960.

GRÜNSPUN, Haim. *Meu pai me matou*. São Paulo : Marco Zero, 1987. 116 p.

HENKEN, V. J. Banality reinvestigated : a computer-based content analysis of suicidal and forced death documents. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, nº. 6, pp. 36-43, 1976.

HOOD, R. W. Effects of foreknowledge of manner of death in the assessment from genuine and simulated suicide notes of intent to die. *Journal of General Psychology*, nº. 82, pp. 215-221, 1970.

JACOBS, J. A. Phenomenological study of suicide notes. *Social Problems*, nº. 15, pp. 60-72, 1967.

JODELET, Denise. La representacion social : fenômenos, concepto y teoria. In: Moscovici, S. (ed.) *Psicologia Social*. (S.1.) : Paidós, 1985. p. 469-494.

KALINA, E.; KOVADLOFF, S. *As cerimônias da destruição*. Trad. de Sonia Alberti. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1983. 172 p.

LANE, Sílvia T.M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, Sílvia T.M.; CODO, Wanderley (Org.). Psicologia Social : o homem em movimento. São Paulo : Brasiliense, 1984. 220 p. p. 32-39.

LEACH, Edmund. Cultura e comunicação : a lógica pela qual os símbolos estão ligados: uma introdução ao uso da análise estruturalista em Antropologia Social. Trad. de Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro : Zahar, 1978. 119 p. (Biblioteca de Ciências Sociais)

LEENAARS, A.; BALANCE, W. A logical empirical approach to the study of suicide notes. Canadian Journal of Behavioural Science, v. 16, nº. 3, pp. 249-256, 1984.

_____. A predictive approach to the study of manifest content in suicide notes. Journal of Clinical Psychology, nº. 37, pp. 50-52, 1981.

_____. A predictive approach to suicide notes of young and old people from Freud's formulations with regard to suicide. Journal of Clinical Psychology, v. 40, nº. 6, pp. 1362-1364, 1984.

LEONTIEV, A. N. Actividad, Conciencia y Personalidad. Buenos Aires : Ediciones Ciencias de Hombre, 1978.

LESTER, D. Choice of method for suicide and personality; a study of suicide notes. *Omega*, nº. 2, pp. 76-80, 1971a.

_____. Need for affiliation in suicide notes. *Perceptual & Motor Skills*, nº. 33, p. 550, 1971b.

LESTER, D.; HUMMEL, H. Motives for suicide in elderly people. *Psychological Reports*, nº. 47, p. 870, 1980.

LESTER, D.; REEVE, C. The suicide notes of young and old people. *Psychological Reports* nº. 50, p. 334, 1982.

MANHÃES, Maria da Paz. O enigma do suicídio. Rio de Janeiro : Imago, 1991. 62 p.

MARTINS, Edna J. Scombatti. A Igreja : sua prática político-religiosa. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987, 109 p.

MENNINGER, K. Eros e Tânatos : o homem contra si próprio. Trad. de Aydano Arruda. São Paulo : Ibrasa, 1970. 411 p. (Biblioteca Psicologia e Educação, 52).

MOSCOVICI, Serge. A representação social : um conceito perdido. In: A representação social da Psicanálise. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Zahar, 1978. 291 p. pp. 41-81.

OSGOOD, C. E.; WALKER,, E. G. Motivation and language behavior : a content analysis of suicide notes. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, nº. 59, pp. 58-67, 1959.

PINGUET, Maurice. A morte voluntária no Japão. Trad. Regina Abujamra Machado. Rio de Janeiro : Rocco, 1987. 472 p.

SABINO, Fernando. Suíte ovaliana. In: As melhores crônicas de Fernando Sabino. Rio de Janeiro : Record, 1986. pp. 139-145.

SAWAIA, Bader B. A representação social. In: Ibitinga : suas práticas econômicas e representações sociais. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1979, pp. 20-24.

SHNEIDMAN, E. S. A bibliography of suicide notes : 1856-1979. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, nº. 9, pp. 57-59, 1979.

_____. Suicide notes reconsidered. *Psychiatry*, nº. 36, pp. 379-394, 1973.

_____. Suicide notes and tragic lives. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, v. 11, nº. 4, pp. 286-299, 1981.

SHNEIDMAN, E. S.; FARBEROW, N. L. Clues to suicide. *Public Health Reports*, nº. 71, pp. 109-114, 1956.

_____. Some comparisons between genuine and simulated suicide notes in terms of Mowrer's concepts of discomfort and relief. *Journal of General Psychology*, nº. 56, pp. 251-256, 1957.

SPIEGEL, D. E; NEURINGER, C. Role of dread in suicidal behavior. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, nº. 66, pp. 507-511, 1963.

SPINK, Mary Jane P. As representações sociais e sua aplicação em pesquisa na área de saúde. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989, 14 p. /Mimeografado/.

TUCKMAN, J.; KLEINER, R. J.; LAVELL, M. Emotional content of suicide notes. *American Journal of Psychiatry*, nº. 116, pp. 59-63, 1959.

TUCKMAN, J.; ZIEGLER, R. A comparison of single and multiple note writers among suicides. *Journal of Clinical Psychology*, nº. 24, pp. 179-180, 1968.

VOVELLE, Michel. Ideologias e mentalidades. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo : Brasiliense, 1987. 414 p.

Anexo I

a) O agrupamento das palavras em unidades de pensamento de discurso ou em unidades de significação tornou-se limitador como pode ser observado pelo exemplo abaixo do conteúdo de um bilhete deixado pela suicidada de 30 anos:

Adeus -----> para -----> todos -----> vocês -----
-> Angela.

b) Os interessados nos métodos de unidades(ou núcleos) de pensamento de discurso ou de unidades de significação poderão encontrá-los nos seguintes estudos :

1. FRIEDMAN, Sílvia. Sobre a gênese da gagueira. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985, 279 p.

2. MARTINS, Sueli T. Ferreira. Desenvolvimento da consciência do militante político: elementos para uma análise. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987, 165 p.

3. TAKAHASHI, Edna Ikumi Umebayashi. A emoção na prática de enfermagem: relatos por enfermeiros de UTI e UI. Dissertação (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1991, 240 p.

4. WAGNER, Elvira C.A.M. Avaliação dos movimentos de consciência de idosos através de seus discursos relatados em forma literária. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985, 126 p.

Anexo II

Descrição das fotos

Foto n. 1 (Laudo 3870.82)

Uma mulher idosa, com olhos semi-abertos, caída sobre uma cama, ao lado de um rádio, com o braço esquerdo dobrado como se tivesse acabado de largar a faca de cozinha com lâmina curta, a qual está enterrada no seu peito esquerdo sob seu vestido um pouco aberto e repuxado para o lado esquerdo. Há pouco sangue derramado pelo ferimento.

Informações do perito: morava sozinha em casa de um cômodo, que estava bem limpo. O banheiro era separado da casa. Junto a ela foi encontrada uma xícara de chá que tomava todas as noites. Derramou pouco sangue porque estava próxima de morrer por velhice. Tinha cerca de 90 anos.

Foto n. 2 (Laudo 8395.85)

Uma mulher bem maquiada, bem penteada, com colar no pescoço, aparentando de 40 a 45 anos, com os olhos fechados, caída no chão, vestida com

penhoir e camiseta, estando o penhoir aberto e repuxado para o lado esquerdo, apresentando pequena mancha de sangue no lado interno do penhoir e muito sangue na altura do peito sobre a camiseta.

Informações do perito: mulher riquíssima, que tinha medo de perder a fortuna, pertencente a uma família onde ocorreu uma sucessão de suicídios. Suicidou no corredor de distribuição para os aposentos, com dois tiros, sendo o primeiro no peito e o segundo na têmpora esquerda. Tinha 62 anos e havia sido Miss Brasil.

Foto n. 3 (Laudo 8396.85)

Um homem aparentando ser muito jovem, com a cabeça totalmente enfaixada deixando ver somente sua face, olhos fechados, com os pés no chão, com meia e sapato, quase todo resto do corpo sobre uma cama, com os braços estendidos ao seu lado. Está vestido com calça comprida e camiseta, tendo um relógio no pulso esquerdo. Sua região temporal direita está apresentando manchas de sangue.

Informações do perito: jovem bonito e vaidoso que suicidou com um tiro na cabeça. Jovem com menos de 30 anos.

Foto n. 4 (Laudo 5534.85)

Um homem caído no chão, careca, braços abertos, perna direita recolhida, vestido com blusa (tipo

japona), calça comprida e meias brancas, com um par de chinelos, um pano, chaves e um revólver e muito sangue ao seu lado. Aparenta ter meia idade.

Informações do perito: ele ateou fogo nas suas roupas com álcool e, não suportando, deu um tiro na cabeça. Está caído no piso da cozinha.

Foto n. 5 (Laudo I072I.84)

Aparece somente o rosto de um homem, com um furo de bala no meio da testa, manchada de sangue. Homem moreno, aparentando mais de 50 anos, com os cabelos começando a ficar grisalhos. Sua boca está semi-aberta, aparecendo seus dentes, olhos fechados e com hematomas.

Informações do perito: era um homem de bom nível intelectual. Utilizou bala especial que tem pouco alcance, porém espalha estilhaços por dentro do corpo. Neste caso, espalhou por dentro do cérebro da vítima.

Foto n. 6 (Laudo 5294.82)

Homem já em estado avançado de putrefação da cabeça até os ombros, com a caveira de seu rosto transparecendo, enforcado por uma corda em uma árvore no meio de um matagal, vestido com camisa de mangas curtas e calça comprida.

Informações do perito: era uma pessoa extremamente doente, que tomava muitos remédios e que não conseguindo encontrar um hospital para se internar, se enforcou nas imediações de um hospital que lhe recusou vaga.

Anexo III

A carta do aluno C. R. N. reproduzida abaixo foi publicada no jornal "Folha de S. Paulo", dia 18 de maio de 1990, pagina C-6:

"Mãe,

Desculpe-me pelo que acabo de fazer, mas não tive escolha, você não merecia ouvir aquilo ontem de manhã, não lhe culpo pelo que me fez e disse, afinal você é mãe e não está errada por isso, desculpe-me também pela humilhação que lhe fiz passar perante todos os alunos do Colégio e perante o Capitão.

Eu estou indo embora porque cometi um erro, fui punido, mas não agüentei a maior punição que foi de nem ao menos poder olhar nos seus olhos e me desculpar daquilo que na verdade nem cheguei a fazer, é verdade que nem cheguei a colar, no dia da prova eu estava nervoso, peguei o livro, abri, mas não consegui ler não.

Não culpe o C. nem ninguém da rua por essa má influência. Os verdadeiros culpados por essa influência foram B., dos blocos e um colega chamado V., ambos de minha sala, na verdade eles estavam colando (peço que comunique isto ao capitão C. V.).

Abaixo você tem a quem doar todos os meus pertences:

1. *A minha irmã K. R. eu deixo: o prendedor de papel, a carteira, o frescobol, o pogobol, a Poupança, os jogos e as roupas que ela quiser.*

2. *A minha irmã C. B. de ° eu deixo: o relógio, o fichário, o estojo novo e o ar condicionado.*

3. *A minha mãe M. R. R.: a minha caneta com bonequinho, o som, microfone, fone e todos os gibis.*

4. *Ao meu pai C. J. R. F.: a escrivaninha, a vara de pescar, o molinete, o carrinho de controle remoto, as bolinhas de gude, a linha 10 e os caminhões da Elka.*

5. *O skate e o quadro para o meu melhor amigo M. G. de L. (Bolão).*

6. *A bicicleta, a prancheta e os álbuns para meu segundo melhor amigo M. G. de L. (Bolinha).*

7. *A Coleção de revistas Mad e a concha para E. (Jatinho).*

8. *A Coleção de Comandos em Ação para M. (Tonho).*

9. *A minha farda completa para C. (Primo).*

10. *O disco Furacão 2.000 para A. (Boca Loca)*

11. *As fitas virgens para A. (Ximbica)*

12. *A raquete de tênis para Y. (Bumbum).*

13. *A Coleção de carrinhos pequenos para J.*

15. *Os bichos de pelúcia e o pintinho da Zorba para R. e R.*

16. *Os carrinhos do Paraguai a ficção para M., L.(Boquete) e L.*

17. *O (ininteligível) do Rambo para J. (filho da M.).*

Por favor, depois de ler tudo isto, dê tudo aquilo que está aí mencionado.

Aquilo tudo que eu não escrevi, doe para algum orfanato.

(ininteligível) dos discos que estão na caixa de som - House Remix Internacional para (ininteligível) e Acid House para M.

Obrigado pela vida que você me proporcionou até hoje.

C. J. R. N.”

Anexo IV

INSTITUTO DE POLÍCIA TÉCNICA

Plantão das....horas de.../... as horas de/...../....

PERITO CHEFE DE PLANTÃO :

SECÇÕES	NATUREZA DAS OCORRÊNCIAS
TOTAIS	

ACIDENTES	(...)
DE	
TRÂNSITO	
TOTAL PARCIAL	

ENGENHARIA	(...)
TOTAL PARCIAL	

FURTOS (...)

E

DANOS

TOTAL PARCIAL

humana

Acidentes sem intervenção

Cadáver retirado d'água

HOMICIDIO

Fulguração

Morte a apurar

Reconstituição

Suicídio

Tentativa de homicídio

Vistorias

TOTAL PARCIAL

SANGUE

(...)

TOTAL PARCIAL

TOTAL GERAL
